

DEU PRA TI ANOS 70
Roteiro de Giba Assis Brasil e Néelson Nadotti
15/04/1980

(01) Sucessão de zooms que se aproximam de Porto Alegre: uma vista geral, o Laçador, os Açorianos, a Borges, a Praça XV, uma banca da revistas. O som ambiente de gente e automóveis vai subindo gradativamente até estabilizar na tomada da Praça XV.

Na banca, lado a lado, a Veja "Os Anos 70" e a Isto É "70, os Anos do Sufoco. Uma mão pega a Isto É. É CERES; folheia um pouco, paga a sai de quadro. Encaminha-se para um ônibus (Carlos Gomes ou outro que passe na Osvaldo Aranha). O ônibus arranca.

(02) Dentro do ônibus, Ceres junto à janela. Ela olha a revista. A capa "70, os Anos do sufoco". Ela folheia. Ceres, seu rosto atento à revista. Título da matéria: "A década da infâmia". Ceres atenta, apreensiva. Sua mão folheia, mais um título: "Revolução Frustrada". Ceres. Folheia com lentidão, como que amortecida por alguma frustração. De repente, outro título: "O Recomeço do Sonho". Ela, olhando a revista; depois olha pra frente, reflexiona, e depois pra fora, pela janela. O ônibus tá entrando na Osvaldo Aranha. A esquina maldita. Começa "Delírio 32", com Nei Lisboa e Augusto Licks.

(03) Entram os créditos: numa tela de TV, mas sem mostrar o monitor, com fundo de cores que vão mudando em fusão, passam "PEDRO SANTOS, CERES VICTORA... EM... DEU PRA TI, ANOS 70", da esquerda para a direita, em letras brancas.

Ceres olha pela janela. O túnel da Conceição.

Entram os nomes dos outros atores principais: "COM _ _ _ _ _"

A Osvaldo Aranha, como que vista através dos olhos de quem botou a cabeça pra fora do ônibus. Ceres, com a cabeça pra fora do ônibus.

Entra: "FOTOGRAFIA: NÉLSON NADOTTI ... CENAS ADICIONAIS: SÉRGIO LERRER...

Passa um "Deu pra ti, anos 70" pichado na parede.

Entra: "MÚSICAS ORIGINAIS: NEI LISBOA E AUGUSTO LICKS".

Passam o bar João, o bar Leblon, o Baltimore, o Bristol.

"ROTEIRO: GIBA ASSIS BRASIL, NÉLSON NADOTTI E ÁLVARO TEIXEIRA".
"ASSISTENTE DE DIREÇÃO: CARLOS GERBASE... DIREÇÃO: GIBA ASSIS

BRASIL E NÉLSON NADOTTI".

Ceres olhando pela janela.

(04) FADE IN. Fusão de "Delírio 32" com ruído de buzinas, mais o Hino do Internacional; uns guris correndo pela calçada, com bandeiras do Inter na mão, passam um Corcel ou um fuca, também com bandeiras, buzinando CO-CO-COLORADO. No edifício em frente, num balcão, alguém sacode uma faixa: "INTER TRI 69-70-71". A rua pode ser a Botafogo. no Menino Deus. São cerca de 17 h 30 min, o sol já vai se pôr.

(05) Os carros passam, ao fundo, buzinando, e, em primeiro plano, de uma janela, surge a cabeça de um guri de 14 anos, olhando os veículos que passam, de dentro do seu quarto. De dentro do quarto, agora, CARLOS fecha o vidro, irritado; senta na cama, quieto, aborrecido; às suas costas aparece uma bandeira do Grêmio. Alguém bate à porta.

CARLOS
Entra.

Na porta surge somente a cabeça de JÚLIO, fitinha do Inter prendendo o cabelo, cantando com ar de gozação:

JÚLIO
Papai é o maior / Papai é que é o tal / Que coisa louca / Que coisa rara...

CARLOS
Ih, ih, Júlio, o que é que tu veio fazer aqui?

JÚLIO
(já dentro do quarto, a mil, berrando) Alô, alô, meu amigo Chamaco! Alô, meu amigo Everaldo! Aquele abraço pelo tri-vice-campeonato!

Carlos põe as mãos nos ouvidos..

JÚLIO
(Imitando locutor esportivo) Atenção! Bola na área do Grêmio! Chiquinho mete o pé na bola! E é gol! Gol contra de Chiquinho! E o Internacional é campeão gaúcho de 1971!(começa a cantar) Até os pés nos iremos!

Carlos levanta-se rapidamente e tenta soquear Júlio. Júlio começa a rir e segura os pulsos de Carlos.

JÚLIO
(demovendo Carlos) Peraí, peraí, pô... Eu sou teu amigo, Carlos, não vim aqui pra tocar flauta... (Consegue imobilizar as mãos de

Carlos.) Sabia que hoje é aniversário da Sônia?

Só então Carlos para de fazer força, interessado.

CARLOS
E daí?

JÚLIO
Daí que vai ter reunião dançante na casa dela.

Carlos solta as mãos de Júlio e senta na cama, saboreando a notícia.

CARLOS
(para si mesmo) Que legal, rapaz... uma reúna...

JÚLIO
(permanecendo em pé, se encostando na cama ou armário) A mãe da Sônia achou melhor fazer a reunião hoje, que se fosse fazer no sábado a festa ia terminar muito tarde e não-sei-o-quê.

CARLOS
(pensa um pouco) Tenho que telefonar pra Ceres, ver se ela quer ir.

JÚLIO
(se deitando em Carlos) Pô, tu tá namorando a guria ou tu é babá dela? Claro que ela vai, né, ela é amiga da Sônia, mora a duas quadras de distância. Se ela te telefonar, aí tu fala com ela; se não...

CARLOS
(cortando) Ah, pára, Júlio, fica dando uma de bom; tu só sabe atirar ovo em travesti...

JÚLIO
(superior) Não é só ovo em travesti, não. (confidencial) Te lembra da Rosa, aquela empregada que tinha lá em casa, aquela que tinha uma baita bunda?

CARLOS
(incrédulo, interessado) O quê que tem?

JÚLIO
Me pergunta por quê que a mãe despediu ela.

CARLOS
Nem sabia que a tua mãe tinha despedido ela.

JÚLIO
(sempre superior) Eu acho que foi porque ela contou pra mãe que eu comi ela.

CARLOS

(espantado) Tu comeu a Rosa?... Bá, tu vai pegar uma gongorréia!

JÚLIO

Que gongorréia, nada! É gonorrhéia, GO-NOR-RÉI-A, pô! (risadas; Carlos fica meio envergonhado, mas termina rindo junto) Depois sou eu que só sei atirar ovo em travesti, né?

Os dois riem. Carlos não chega a assumir a brincadeira, mas ri.

(06) MARCELO na porta do apartamento de Sônia. SÔNIA abrindo a porta:

SÔNIA

Oi, Marcelo! (dá dois beijinhos, ele dá um presentinho pra ela)
Ah, muito obrigada!

De dentro do apartamento surge música tri-alta, algo como "Never marry a railroad man", com The Shocking Blue.

SÔNIA

(pra Marcelo) Entra...

Marcelo, tímido, vai entrando devagar, e a primeira coisa que vê é CINARA, estranha, fechada, esotérica, aquele tipo de guria inatingível que recheia as fantasias sexuais aos 13 anos. Marcelo balbucia um "oi" que não é respondido por Cinara. Meio sem jeito, Marcelo vai entrando.

(07) A reunião. Música a mil, gente dançando junto ou separado, gurias sentadas, caras balaqueando. A média de idade é treze, quatorze anos. Iluminação pouca, mas suficiente para que a mãe de Sônia controle os excessos. Os guris utilizam maciçamente jaquetas Lee. Algumas gurias poderiam estar de short. O lugar não é muito amplo - sala de apê classe média.

Num canto, a eletrolinha, os discos, um abajurzinho e o cara que é responsável pelo som, talvez um pouco mais velho que os outros. A MÃE DE SÔNIA chega pra ele e diz:

MÃE DE SÔNIA

Sônia, abaixa esta música, tá muito alta.

Sônia diz alguma coisa ao cara do som. O volume baixa. A mãe de Sônia deixa a sala. Sônia vê que ela foi embora e faz um sinal pra levantar o volume. A música sobe estupidamente.

(08) Cinara dançando separado com um cara. Marcelo em pé, junto a FRED, olhando pra ela. Fred olha pra outro lado, fumando meio desajeitadamente. Os dois parecem iniciantes em reuniões

dançantes, Júlio surge de trás, entre os dois.

JÚLIO

Como é que é, Marcelo? (Marcelo dá um sorriso tímido, respondendo ao cumprimento) E daí, Fred, vamos tirar as gurias pra dançar? (Fred olha rápido pra Júlio e volta a olhar pro lado, fumando) Pô, Fred, como é que é? Tu nunca vai a uma reúna e, quando vai, deixa as gurias tomando chá de cadeira? (Fred fuma mais) Tu é um boko moko. (Júlio sai de quadro).

(09) Sônia e Cinara, juntas. Sônia olha em direção à porta:

SÔNIA

(emocionada) Ai, Cinara, o Roberto chegou...!

Vem entrando ROBERTO, alto, magro, cabelo curto, 16 anos. Ela corre pra dar um beijo nele.

SÔNIA

Oi, amor... (Roberto dá uma de gostoso, não se abala muito; Sônia sussurra no ouvido dele) Que guri lindo... (Dá um beijo nele. Roberto meio que evita.)

ROBERTO

Tá, Sônia, pára, tu parece a minha mãe quando tu faz isso.

SÔNIA

(desenxabida) Desculpa...

Júlio passa por eles e cumprimenta Roberto.

JÚLIO

E daí, galeteiro, tudo bem?

SÔNIA

(puta da cara) Mas que guri abobado esse Júlio! (Roberto está rindo, achando engraçada a situação; ela vê isso e sente-se magoada) Roberto, tu acha que eu sou galeto? (Em resposta, Roberto ri muito, apesar de se conter.)

(10) A reunião continua a mil. Termina uma música; todos param de dançar. Fred se aproxima do guri que cuida da eletrola e pede:

FRED

Põe aquela do George Harrison.

Começa a tocar "My sweet Lord", com George Harrison. O pessoal dança aos primeiros acordes de violão da música. Fred fuma e olha embevecido para o pôster do George Harrison (do disco "All things must pass"). Quando entra o solo de guitarra inicial, Fred acompanha numa guitarra imaginária, fechando os olhos. Dele se

aproxima CÍNTIA.

CÍNTIA

(puxando o braço de Fred) Vamos dançar...

FRED

(não gostando de ser interrompido) Ah, não tou com vontade.

CÍNTIA

Mas eu cansei de ficar parada, sentada. (insistindo)

FRED

(começando a se irritar) Pô, Cíntia, qual é o futuro? Tou ouvindo a música do George Harrison! Deixa de ser implicante!

CÍNTIA

(tentando ainda uma vez) Mas eu quero dançar...

FRED

(irritado) Pô, pára de encher!... Ou então eu conto pra mãe que tu tá namorando o Valter. Se o Valter tivesse vindo tu não tava me enchendo o saco!

CÍNTIA

(derrotada e puta da cara, sai, atirando) Boko moko...

FRED

(gritando pra Cíntia, que já saiu de quadro) E eu já fiz muito em te acompanhar até aqui; não tenho obrigação de ficar dançando contigo.

(11) Carlos está dançando com Ceres. Marcelo observa Cinara. Cinara vai sentar num sofá. Ceres, com cara de enjoada, para de dançar e vai se sentar, seguida por Carlos. Marcelo senta no sofá a um corpo de distância de Cinara. Chega Ceres e ele senta grudado a Cinara, para dar lugar a Ceres e Carlos, que fica na ponta do sofá.

Ceres tá visivelmente de saco cheio. Marcelo, tímido, está de mãos cruzadas sobre o colo. Júlio, atravessando a sala dançando como Toni Tornado, chama Carlos para um canto. Carlos deixa Ceres.

(12) Cíntia, irritada ainda, bota um cigarro na boca, olha em volta, pede fogo a ZÉ. Zé não tem fogo e abre um sorriso idiota. Cíntia vira as costas, sem dizer palavra, e sai. Zé fica ajeitando os óculos, disfarçando.

(13) Júlio e Carlos fumam, sentados num degrau da escada, perto da porta do apartamento.

JÚLIO

Quê que a Ceres tem? Ela tá com uma cara de azeda.

CARLOS

Não sei.

JÚLIO

Mas essa tua guria é enjoada, hein? Puta merda.

Carlos não diz nada.

JÚLIO

(como que continuando) Mas todas essas gurias aqui da zona são assim. Eu sei que tu tá vidrado na Ceres, mas é isso mesmo: é só o cara apertar elas um pouquinho quando tá dançando que elas já ficam griladas.

Carlos concorda e sorri tristemente. Leva o cigarro à boca.

JÚLIO

Aliás, aqui no Portinho é tudo... (se interrompendo) Ô cara, que jeito é esse de fumar?

CARLOS

(sem entender) Que jeito?

JÚLIO

Esse teu jeito que tu tá pegando o cigarro.

CARLOS

Mas eu sempre fumei assim. (E dá uma tragada.)

JÚLIO

(rindo) Que sarro... (depois de um instante) Eu também tenho um jeito diferente de fumar, que nem uns caras do IAPI que eu vi uma vez...

Fecha os olhos, segurando o cigarro como se fosse uma baga, traga e inspira fortemente, contraindo a face. Tranca. Depois solta devagar e olha pra Carlos, sorrindo. Carlos tá de boca aberta, olhando Júlio.

(14) Cíntia chega em PAULINHO, que está beijando LÚCIA num canto meio escuro da sala.

CÍNTIA

Paulinho, me dá fogo?

Paulinho olha Cíntia como que saindo de dentro de Lúcia, devagar. Lúcia ajeita os cabelos.

CÍNTIA

Oi, Lúcia!

Lúcia dá um sorrisinho como cumprimento. Paulinho cata no bolso uma caixa de fósforos e entrega a Cíntia. Cíntia o encara meio contrariada, pois pensava que Paulinho, cavalheirescamente, acenderia seu cigarro. Acaba ela mesmo riscando um fósforo. Traga e dá uma baforada, enquanto Paulinho recebe a caixinha e volta a chupar Lúcia esfomeadamente.

(15) Cíntia passa por uma porta, de onde surge a mãe de Sônia. Cíntia leva um susto e tenta esconder o cigarro, mas a mãe de Sônia já tinha visto. Ficam as duas frente a frente, em silêncio, por um momento.

MÃE DE SÔNIA

(em tom obviamente maternal) Cíntia... tu só tem treze anos, querida. (Cíntia a olha, incomodada e envergonhada.) E é a segunda vez que eu te vejo fumando. (maternalíssima) Tua mãe não ia gostar de saber disso, não é mesmo?

Cíntia compreende a ameaça velada. Apaga o cigarro sem dizer nada e se afasta, um pouco triste e aborrecida. A mãe de Sônia fica olhando pra ela.

(16) Começa a tocar "Mother", com John Lennon, bem alto. Quem tá dançando fica de rosto colado, à meia luz. Zé, de jaquetinha, camisa branca e gravata, sente-se deslocado. Olha de um lado pro outro: gente rindo, dançando; ele sozinho. De repente, vê Paulinho chupando Lúcia. Zé fixa-se neles, respiração suspensa. Paulinho e Lúcia. Zé olhando, consulta o relógio de pulso e começa a contar o tempo do chupão, dizendo em silêncio cada segundo que passa.

(17) No lance de escadas que conduz ao apartamento, Júlio e Carlos iniciam um jogo: um atira para o outro um vaso de plantas, dos pequenos.

(18) Zé olhando ávido para Paulinho e Lúcia. Deixou de cronometrar; está excitado. Paulinho e Lúcia. Zé desaperta a gravata, olha pros lados: um monte de rostos a rir e gargalhar, olhares de lascívia. Olha Paulinho e Lúcia: a cabeça dela aparece sob o ombro dele, olhos fechados, boca arquejante, orgasmática. Zé olhando aflito, sai de quadro em direção à câmara.

(19) Lá fora, o vaso passa de um lado para outro, mais rápido.

(20) Ceres, no sofá, olha para um e outro lado, procurando Carlos.

Levanta-se do sofá.

(21) Zé atravessa a sala atropelando e acotovelando. Paulinho e Lúcia. Zé vindo de frente. Paulinho e Lúcia. Zé vem pra cima deles e passa entre eles, continuando a seguir arquejante.

(22) O vaso, lá fora, cada vez mais rápido.

(23) Zé arremete por uma porta; fecha-a pelo lado de dentro.

(24) O vaso se espatifa no chão.

(25) Ceres abre a porta do apartamento.

(26) Zé havia entrado no banheiro. Senta no vaso e recosta-se na parede, mais calmo, suspirando fundo.

(27) Lá fora, o vaso está partido, no chão. Carlos olha pro vaso, meio assustado, pois não queria quebrá-lo. Júlio olha pro vaso e, de repente, percebe que há alguém observando. Carlos olha pra ele e percebe isso também; volta a cabeça e dá com Ceres, na porta, olhando séria pra ele.

Carlos está desconcertado. Júlio começa a rir, às gargalhadas. Carlos vê isto e tenta sorrir também, como que pra quebrar o gelo com Ceres. Ceres fica impassível e fecha a porta por dentro.

(28) Ceres entra no apartamento e vem senta-se no sofá. Ficam, assim, Cinara, Marcelo e Ceres, da esquerda pra direita. Marcelo olha de novo pra Cinara. Cinara não diz nada, está olhando para outro lado. Ele fica quieto um instante: de repente, se volta para ela e vai pedir que dance com ele - mas tem um cara chegando e tirando Cinara pra dançar, na mesma hora.

Marcelo fica com o gesto meio perdido, no ar. Se recompõe, disfarçando (mas sem arrogância: ficou envergonhado). Olha pra sua esquerda: Ceres tá olhando fixo pra frente, de saco cheio, como sempre. Ele decide ficar olhando pra frente, também quieto.

O último plano mostra Marcelo e Ceres, no sofá, separados, olhando de frente, enquanto John Lennon berra os últimos versos de "Mother": "Mama don't go, daddy come home". FADE OUT.

(29) Ceres olhando pela janela, como no final de (03). Se dá conta

de que está na hora de descer do ônibus e puxa a campainha.

(30) O ônibus arrancando e Ceres atravessando a rua. (O som, tanto em (29) como aqui, é ambiente, de rua.) Anda na calçada da Miguel Tostes, em direção à casa do Zé Edílio. Uma pequena panorâmica mostra Ceres vindo de longe e, depois, NEI olhando pra rua pela janela da casa do Zé Edílio.

(31) Nei se debruça à janela, e olha na direção em que Ceres vem vindo. Sorri e grita para Ceres.

NEI

Alô, "dona" Ceres!

Ceres vem chegando.

CERES

(sorrindo) Oi, vim ver o ensaio de vocês.

NEI

Ah, chega mais...

Ceres entrando pelo portão da casa.

(32) No interior da casa. Ceres entra na porta da cozinha, onde tem algumas pessoas sentadas e sérias em volta da mesa. (WOBETO, ZÉ EDÍLIO, AUGUSTO, TÉO). Ceres beija, dá ois, improvisa um pouco.

CERES

Que é que vocês tão fazendo? Não tão ensaiando?

AUGUSTO

Não, a gente tá acertando uns detalhes de produção, umas coisinhas de última hora... Já viste os cartazes? (pega de uma pilha)

CERES

Já, eu vi na rua. Mas tem pouco, tem que colar mais...

Nei, que veio chegando, concorda com a cabeça, dizendo um "é". Wobeto, também prestando atenção à conversa, arruma algumas folhas xerocadas dentro do envelope, para "releases". ROSANE, ao seu lado, dá os últimos toques nos seus quadros pro cenário do show. Ceres vai dar uma olhada nos cartazes que NENECO tá pintando. Volta pra cozinha.

CERES

Tudo isso aí é pro cenário? (aponta pros quadros da Rosane; dizem que sim) Muito bonito, tá lindo mesmo.

NEI

(apontando pro cartaz do Neneco) Aquele lá vai ficar no fundo do palco; estes vão ficar na frente, em cima.

CERES

(entendendo) Hum, hum. Mas escuta, eu queria saber uma coisa: vocês já terminaram de fazer os releases pra mandar pros jornais?

WOBETO

(batendo a máquina) Não, a gente tá terminando agora.

CERES

Bá, mas vocês não deviam fazer isso, pô! O show estréia semana que vem... dia 20, né?... e vocês não mandaram a divulgação pro jornal ainda. Dia 20 é daqui a uma semana, quinta-feira que vem...

WOBETO

Bom, a gente tá fazendo uma lista das pessoas que vão entregar este material e dos jornalistas que vão receber.

CERES

Na Zero Hora, deixa que eu entrego. Eu trabalho na revisão mas eu conheço o Juarez, que cuida da parte de música. Eu entrego pra ele.

WOBETO

Tá legal. (e anota.)

AUGUSTO

Eu escrevi um negócio hoje, que eu tava a fim de mandar junto com os releases pro jornal. É que eu andei lendo o livro do Caetano... (procura e acha o "Alegria, alegria") Eu andei lendo um negócio que ele escreveu quando foi pra Londres... Cheguei a marcar... Tá aqui, ó... É sobre o som dos anos 70... (lê alto) "O som dos setenta certamente só será audível quando estivermos perto dos oitenta. Pelo menos, só então será identificável. Talvez, pelo contrário, seja ouvido de pronto e fique para sempre inidentificável. O som dos setenta talvez não seja um som musical. De qualquer forma, o único medo é que esta venha a ser a década do silêncio." (vira a página) E depois: "Basta saber que os setenta ainda não soaram. E talvez não soem. O que há é Yoko Ono, que não tem nada a ver com som. E o som dos sessenta (Janis Joplin, Jimmi Hendrix, Stones, Beatles). E o som dos cinquenta, e o som dos quarenta, e o som dos trinta..." Isso ele escreveu em março de 70.

NEI

(botando a mão em concha no ouvido) Acho que eu tou ouvindo o som dos anos 70. A gente tá em dezembro de 79, pertinho dos oitenta. (rindo)

Nei pega o violão e começa a dedilhar, enquanto Augusto completa o pensamento:

AUGUSTO

Daí, eu resolvi escrever isso aqui, como apresentação do show. Pode ser que não tenha nada a ver, mas pode ser que tenha. Assim, ó: "Deu pra ti, anos 70 - uma introspectiva musical. Pede-se o não-comparecimento dos que esperam a consequência, dos que esperam a inconseqüência, dos que esperam a sofisticação, dos que esperam a simplicidade, dos que esperam." É isso aí.

Nei começa a tocar "Do lado do avesso", baixinho, e depois levanta um pouco a voz. Canta até "Não passa de abril, abril, abril..." Fica dedilhando.

(33) FADE IN. Dentro de uma garagem. Há uma mesa num canto, onde EDUARDO, VIRGÍNIA e CLAUDINHO jogam cartas. Zé observa em pé. Se possível, mostrar uma planonda ao fundo. Virgínia tem cerca de 18 anos, Eduardo também. Claudinho deve ter 15.

Desde o início da seqüência, ao fundo, toca "Rock'n'roll lullaby", com B. J. Thomas. Quando começa a parte vocal, entram pela garagem ANINHA, BETO e Ceres. Os três estão arrumadinhos, como se voltassem da boate. Suas roupas contrastam com as de Eduardo, Virgínia e Claudinho, que estão vestidos confortavelmente (chinelos, camisas Hering, calções, etc.) Zé está mais arrumado que os três últimos, mas menos que os outros três.

VIRGÍNIA

(embaralhando as cartas para uma nova partida, meio surpresa) Ué, já voltaram?

ANINHA

(extravasando irritação) Não tinha boate!... Não tem boate em Tramandaí no sábado! Tem durante toda a semana, mas não tem no sábado. Droga de praia!

Um instante de silêncio.

VIRGÍNIA

(aproveitando o momento) Ó, Claudinho, deixa eu te apresentar o pessoal: essa é a Aninha, que mora na... quer dizer, tá veraneando na casa amarela ali da esquina. (Aponta Ceres) Essa é a Ceres, da... ali da outra quadra, né.

CERES

Não. Da Itororó.

VIRGÍNIA

Isso... O Beto é o meu irmão. (para os três) Bom, esse é o Claudinho, que vai jogar no nosso time de vôlei, agora. Ele chegou hoje de Porto Alegre e tá aqui na casa do lado.

Beto e Ceres dão oi, Aninha não diz nada.

ANINHA

(retomando) Se eu tivesse um carro, eu ia agora pra boate de Rainha. (e dá uma olhada pra Beto, significativamente)

BETO

(tomando coragem) Virgínia, será que dá pra pegar o carro?

VIRGÍNIA

(terminando de embaralhar) A chave tá com o pai. Se tu quiser acordar ele...

Beto olha desconsoladamente pra Aninha.

CERES

(se aproximando da mesa) O que é que vocês tão jogando?

EDUARDO

É pife. Quer jogar também?

CERES

Ah, eu quero. (E senta na cadeira vaga à mesa.)

Virgínia começa a dar as cartas.

ANINHA

(seca e puta) Tchau. (e sai reto.)

VIRGÍNIA

Não vai jogar, Beto?

BETO

(frustrado, saindo de cena) Não.

VIRGÍNIA

(pra Zé) E tu, Zé, não quer jogar mesmo?

ZÉ

(meio que pegado de surpresa, balbucia) Não...

O jogo. Alguns lances. De repente:

CERES

Sabe o que eu vi na TV hoje? Que à meia-noite nós vamos entrar na Era de Aquarius.

EDUARDO

(começa a rir) É mesmo?

CERES

(rindo também) Diz que 1973 é um ano cabalístico, sei-lá-o-quê. E que à meia-noite em ponto sai a Era de Peixes e entra a Era de Aquarius

EDUARDO

Bá, até acho que à meia-noite eu vou dar uma olhada lá fora pra ver se o céu tá verde.

Todo mundo ri, menos Zé. Ele fica olhando quieto pra Ceres e Eduardo. O jogo continua. Sem chamar atenção, Zé se aproxima da porta da garagem e põe a cabeça pra fora.

(34) Zé olhando pro céu. Consulta o relógio. Olha pra esquerda e pra direita, no céu.

(35) Como no final de 33, Zé espiando pra fora. De repente, um grito: "Bati!" Zé leva um susto. Foi Virgínia que ganhou o jogo. Os outros dizem: "Vai começar a sortuda!" "Pô, eu tava precisando desse nove de paus há horas." Eduardo pega as cartas pra embaralhar.

O último plano: aberto, Zé vindo do fundo para a mesa enquanto Eduardo embaralha. FADE OUT.

(36) FADE IN. Entra "Why can't we live together", com Timmy Thomas. Vão surgindo várias fotos em seqüência, com vozes em OFF:

- Uma foto posada, com muitas pessoas rindo e olhando para a câmara, numa festa (uma voz berra, no fundo: "13 de agosto de 1973, dia das bruxas, o dia em que o Roberto se tornou maior de idade!"; risos e gozações).
- Roberto apagando a vela dum bolo (gritos, zoeira).
- Sônia beija Roberto (gritos, zoeira).
- Fred e MAURO mexendo no cabelo de Roberto, como gozação (zoeira).
- Sônia batendo palmas, chamando atenção ("Ó, ó, escuta aqui, vamos fazer o jogo da verdade").
- As pessoas se assanhando ("Oba!", "Ui", "Vamos lá" "Na sala, na sala"; gritinhos histéricos).
- Sônia com a garrafa na mão (gritos).
- Sônia se abaixa e põe a garrafa no chão (gritos vão diminuindo).
- Sônia gira a garrafa (silêncio, expectativa).
- Rostos em expectativa (silêncio).
- A garrafa apontando em direção à câmara ("É o Marcelo!")

- Marcelo, ar surpreso, meio rindo (mais gritos histéricos, "Arrá!", "Agora tu tem que falar, múmia!"; risos, zona).
- Marcelo olhando pra cima e pra frente ("Primeira pergunta pro Marcelo sou eu que faço...")
- Roberto, com ar sacana ("Diz de verdade, Marcelo, tu gosta da Cinara, não é mesmo?")
- Marcelo franze a testa (risos loucos, "Aí, guri!", "Diz, diz!")
- Cinara olhando pra sua esquerda, na direção de Marcelo (silêncio).
- Marcelo baixando os olhos, sorrindo tímido (silêncio).
- Marcelo olha pra frente ("É, é verdade!").
- Marcelo olha pra Cinara (silêncio).
- Cinara tá olhando pra ele, seríssima (silêncio).
- Cinara olha pra frente, apoiando o queixo na mão, ar de fastio (começam os primeiros risos).
- Marcelo olhando pra ela, decepcionado (estouram os risos).
- As pessoas rindo, rindo (grau histérico de gargalhadas).
- Marcelo olhando pra frente e pra baixo, sério/ triste (risadas ainda, a música aumenta e toma conta).

(37) Uma mão em close diminui o som num gravador Philips, dos antigos, e a música de fundo (ainda "Why can't we live together") diminui. O gravador está sobre um murinho, na frente de um edifício. No murinho estão sentados Roberto (que abaixou o volume), Mauro e Zé. Roberto, vestido "a la boy"; Mauro, de calça Lee e camiseta; Zé, de calção, camiseta e chinelos. é de tarde.

(38) Do edifício saem Marcelo e Fred. Os dois estão preparados para jogar futebol: calção (não Adidas), camiseta (branca, sem nada escrito) e tênis (Bamba, de preferência).. Fred tem uma bola na mão. Eles vêm meio que correndo, como jogadores entrando em campo. Zé os chama (iam na direção oposta).

ZÉ
Marcelo!

Os dois chegam mais.

ZÉ

Vocês vão jogar no campinho?

MARCELO

É, eu quero fazer um time aqui da Marcílio pra bater com os caras da Botafogo... Tu quer jogar?

ZÉ

Quero, sim. Güenta aí que eu vou buscar os meus tênis. (Entra no edifício correndo.)

Ficam os quatro. Roberto e Marcelo se olham meio de esquelha. Marcelo bate bola com Fred.

MAURO

Ô, Fred, aquela guria baixinha, meio gordinha, que morava na tua rua...

FRED

A Ceres?

MAURO

É, isso, Ceres... Ela se mudou, não se mudou?

FRED

É, faz umas duas semanas que ela se mudou.

Marcelo e Roberto continuam se encarando discretamente. Zé vem do edifício, pronto. Música em BG some.

FRED

(pro Zé) Vamos embora?

Saem Zé e Fred na frente com a bola. Marcelo sai atrás; mas, antes que ele comece a se afastar, Roberto grita:

ROBERTO

Ô, Marcelo! (Marcelo se volta pra ele) Depois do jogo dá um pulo na casa da Sônia... Vi ver se a Cinara tá lá...

MARCELO

(seguindo em frente) Vai tomar no cu!

Roberto fica rindo no muro. Marcelo se afasta, atrás de Fred e Zé, que haviam parado para esperá-lo. Começa a tocar "O vira", com os Secos & Molhados, e eles atravessam a rua bem no verso "O gato preto cruzou a estrada". Vão se afastando. A música diminui no fim da primeira estrofe. FADE OUT.

Letreiro: FIM DA PRIMEIRA PARTE.

(39) LETREIRO: DEU PRA TI ANOS 70 - SEGUNDA PARTE

É de manhã. Uma panorâmica mostra a rua, até enquadrar uma imobiliária. Leve zoom na imobiliária. De dentro, vem saindo Marcelo. Sai andando pela calçada. Para numa esquina e espera o sinal abrir pra atravessar. Fica jogando e apanhando, distraidamente, um objeto na sua mão. Close: é uma chave de apartamento. Close em Marcelo, de perfil, olhando pra frente; olha rapidamente o sinal e sai andando pra fora de quadro. Durante as tomadas, som ambiente.

(40) No corredor de um edifício, Marcelo abre a porta do apartamento. (Aqui, usar som direto.) De dentro do apartamento às escuras, a silhueta de Marcelo na porta: ele entra tateando, desaparece no escuro. A câmara o acompanha. A escuridão é completa, mas se vê luz nas frestas da persiana de uma janela.

Marcelo a abre. A peça se inunda de luz. O enquadramento mostra Marcelo empurrando as persianas. Volta-se para o interior da peça. Mãos na cintura, examina a sala, andando: está inteiramente vazia. Olha para a porta que dá para o quarto: vai vê-lo.

Abre a janela do quarto. Dali mesmo examina o quarto. No banheiro, abre a torneira, examina o cano do chuveiro, levanta a tampa da patente e dá uma olhada dentro. Na cozinha, mede a extensão de uma das paredes.

Volta à sala e entra no quarto. Encosta-se à parede, olhando para um lado e outro, com um sorriso leve, satisfeito. Fica pensando, sério. Fecha a porta. Deita-se no chão, de barriga pra cima, as mãos cruzadas amparando a cabeça, olhando para o teto.

Começa a tocar "Firth of fifth", do Genesis. Marcelo vira-se de bruços, o queixo apoiado sobre os braços cruzados. A câmara começa a traçar uma panorâmica circular ininterrupta, da esquerda para a direita, alternada com closes de Marcelo na mesma posição, de olhos fechados.

(41) FADE IN. O início desta cena coincide com a entrada do primeiro verso de "Firth of fifth". Quando a imagem volta ao normal, o que se vê é a continuação do movimento de câmara de (40); mas o ambiente é outro.

É um quarto com pôsteres nas paredes, fotos e gravuras coladas a durex nas portas do armário; livros espalhados aqui e ali; uma Veja aberta, com a data indicando dezembro de 1974; discos do Yes, do Pink Floyd, o "Selling England by the pound" do Genesis bem à vista, com o plástico protetor do LP meio pra fora, o disco girando no prato, o amplificador, o fio do fone e, finalmente, Marcelo, que ouve atento.

De repente, levanta-se, puxa um caderno e uma caneta e escreve uma

poesia, que é lida em OFF por ele:

MARCELO (OFF)

Poderia ter sido diferente, se chovesse,
ou mesmo se alguém morresse,
ou se eu ainda tivesse vontade de ver televisão.

Poderia até ter sido uma tarde diferente
Se eu tivesse sonhado na noite anterior,
se não houvesse esse sol aí fora,
se eu não tivesse, como tenho agora,
o cérebro cansado de tudo isto,
a vontade de ver um filme do Kubrick,
a ânsia de ouvir o telefone tocando,
de me levantar daqui, largar esta caneta
e jogar uma partida de futebol.

Poderia ter sido uma tarde bonita, plasticamente falando,
se eu tivesse forças pra fazer alguma coisa,
nem que fosse chorar um pouco,
ter uma crise de nervos
ou quebrar todos os móveis da casa.

E se não houvesse a certeza deprimente
de que a noite vai chegar em um momento,
tornando inútil até mesmo o pensamento
de que a tarde poderia ter sido diferente.

Quando a música atinge o clímax, Marcelo termina de escrever, tira os fones, faz o som sair nas caixas e começa a dançar desesperadamente, pulando daqui pra lá, acompanhando o ritmo com frenesi; atira seu travesseiro prum canto, desarruma os lençóis, tira o colchão do lugar, pula pra cima da escrivaninha, dançando sempre, se atira no chão e, quando a guitarra começa o seu solo, Marcelo bate punheta, a princípio devagar, depois mais rápido; tem um espasmo, contrai o rosto, fica assim um tempo, cobre o rosto com uma mão - e, no meio disso, ouvem-se batidas na porta, e uma voz chamando:

VOZ

Marcelo!

Dolorosamente, mas com alguma pressa, levanta-se, fecha a bragueta, passa a mão num lenço, baixa o volume da música e vai abrir a porta. Ouve-se somente a voz:

VOZ

Marcelo, teu pai vai chegar daqui a pouco; vai comprar pão pro café dele. Ah, e traz umas bebidas.

(42) Entra o final de "Firth of fifth": "The sands of time / are eroded by / the river of constant change". Marcelo, com um pão de

meio quilo debaixo do braço, uma sacola cheia de garrafas na outra mão, vem caminhando em direção à câmara, cabeça baixa, insatisfeito e triste; passa pela câmara e segue, sempre em quadro, se afastando, no fim da tarde. Coincidindo com o final da música. FADE OUT.

(43) Marcelo, de braços no chão do apartamento, olha pra frente, na mesma posição do fim de (40). Consulta o relógio. Alguns instantes depois, levanta-se. Fecha a porta do apartamento.

(44) Close no cabeçalho de uma lauda da Folha da Manhã, onde vão surgindo frases batidas a máquina. Em plano mais aberto, a redação da Folha da Manhã. Fred surge na entrada da sala. Dá uma olhada, vê Marcelo e entra. Aproxima-se de Marcelo, dá um tapinha amigável nas costas dele.

MARCELO

(virando e dando de cara com Fred) Ô, Fred! (saúda-o efusivamente) Senta aí (aponta uma cadeira) e güenta um pouco que eu só vou terminar isto aqui, tá?

FRED

Vai mesmo (senta).

Marcelo volta a se concentrar no trabalho, bate umas linhas; Fred perscruta os arredores, acende um cigarro. Marcelo termina, tira o papel da máquina, dá uma lida/ olhada, junta com outras duas laudas, corrige uma coisa, junta tudo, levanta.

MARCELO

(pro Fred) Só um pouquinho. (E sai de quadro.)

Fred olhando pros lados, depois pra um lado em particular. Marcelo chega por este lado e senta ao lado dele.

MARCELO

(se recostando) E daí? O que é que tu conta de novo?

Fred oferece um cigarro. Marcelo apanha. Fred lhe dá um isqueiro. Marcelo acende o cigarro. Fred lhe estende um papel. Marcelo faz uma cara de surpresa. E depois ri.

MARCELO

Tu comprou a passagem! Puta merda! (de repente, lê com atenção, sem entender) Ué, mas é pro Rio...

FRED

É que não tem ônibus direto pra Salvador.

MARCELO

Pô, Fred, tu vai mesmo estudar música na Bahia?

FRED

(rindo e afirmando) Vou.

MARCELO

E a Engenharia?

FRED

Foda-se. Cansei de ficar trancando a vaga.

MARCELO

Tu não vai pedir transferência ou coisa parecida?

FRED

Bá, Marcelo, eu não quero nenhuma enrolação que me prenda aqui. Vou acertar a vaga lá mesmo. Mas eu já mandei os papéis prum faixa meu já ir mexendo os pauzinhos.

Marcelo concorda com a cabeça. Silêncio.

MARCELO

... E o tio e a tia?

FRED

Bá, tchê, fizeram aquela choradeira, né?... Chantagem emocional... Mas eu saí por cima. O pai é que foi mais estúpido, né, disse que não vai me dar mais dinheiro, acha que eu vou voltar chorando, pedindo comida...

MARCELO

(rindo) Pedindo comida? Que lance...

FRED

Não foi bem isso que ele disse, mas era por aí. (Marcelo ri.) A mãe não. A mãe até aceitou que eu mudasse de faculdade, mas queria que eu ficasse aqui, não queria que eu fosse pra Bahia. Depois só pediu que eu escrevesse pra ela seguido.

MARCELO

E como é que tu convenceu ela?

FRED

Ah, eu te usei como exemplo.

MARCELO

(surpreso) Eu???

FRED

Só... Eu cheguei pra ela e disse: "Pô, mãe, tu vê o Marcelo - largou a faculdade, foi viajar, ficou uns meses e voltou, numa boa." Aí ela não encheu mais o saco.

MARCELO

(rindo) Que história...

FRED

E tu? Quando é que tu vai cair de casa?

MARCELO

(demorando um pouco) Não sei. (...) Só sei que eu vou cair. Logo.

FRED

Mas tu quer ficar aqui?

MARCELO

Quero, sim. Eu me sinto muito... s porto-alegrense. Só quero ficar aqui.

FRED

E tu tá dependendo de quê?

MARCELO

Bom, eu primeiro preciso achar um apartamento. Hoje de manhã eu tava dando uma olhada num. E tenho que conseguir fiador, né? Fiador é foda de conseguir. (...) Acho que os velhos não vão se grilar muito quando eu cair. Mas vão querer saber quem é que vai morar comigo. Isso é que enche.

Por trás deles, passando, um CARA ouve Marcelo falar no apartamento, dá uma paradinha, ouve atento e depois sai.

FRED

A tua guria não vai morar contigo?

MARCELO

Pois é...

FRED

Vocês não iam morar juntos?

MARCELO

Pois é.

FRED

(...) Vocês brigaram?

MARCELO

Não, nada a ver. Acontece que tá meio complicada a situação. Ela tá a fim de cair mas não sabe se é legal a gente ficar junto, ou então ir morar com umas amigas... Mas ela tá a fim de cair de casa, isso é certo.

FRED

Acho que vocês dois tão marcando.

MARCELO

(fica sorrindo, sem saber o que dizer) Eu acho que nós tamos começando a deixar de marcar.

Silêncio.

FRED

Eu já vou chegar, Marcelo, tenho mil coisas pra fazer. (Se levanta e pega a bolsa.)

MARCELO

(se levantando e se aproximando de Fred) Que dia tu vai?

FRED

Depois de amanhã.

MARCELO

Agora, na quarta? Mas pô! Tu vai perder o show do Nei então.

FRED

É, eu sei, estréia quinta. Mas eu pedi pra me mandarem uma fita do show.

MARCELO

Eu também não vou poder ir na estréia. Quinta-feira eu trabalho de noite aqui.

FRED

Putá, que bosta.

MARCELO

É, é uma bosta.

FRED

Bom, Marcelo, a gente se vê ainda, né?

MARCELO

Pode crer. (E Fred vai saindo.)

Marcelo arruma a sua mesa, junta uns papéis, guarda outros na gaveta. Enquanto isso, se aproxima o cara que tava ouvindo a conversa (menos de 30 anos, bem vestidinho, com uma pastinha na mão).

CARA

Com licença...

Marcelo pára de arrumar as coisas e olha.

CARA

Desculpe, eu sem querer ouvi um pouco da conversa. Me pareceu que tu estás interessado em adquirir um imóvel...

Marcelo fica olhando pra ele, sério, por um instante.

MARCELO

Não.

CARA

(esclarecendo) Mas eu te ouvi falar em apartamento, parece...

MARCELO

Eu quero é alugar um apartamento.

O cara puxa um cartão.

CARA

(educadamente) Sim, claro, mas (mostra o cartão pra Marcelo, que não vê, ou finge que não vê) eu não sei se tu está a par do que seja a CAPEMI...

Marcelo vira a cara e continua a arrumar a mesa.

MARCELO

Não, e não estou interessado.

CARA

Mesmo assim, eu queria te mostrar, sem compromisso, as vantagens que têm os nossos associados. (Vai abrindo a pasta e tirando folhetos.) Como tu podes ver aqui, a CAPEMI é uma entidade civil, com um capital imobilizado de seiscentos bilhões de cruzeiros...

Marcelo vai remexer num arquivo; o cara vai atrás.

CARA

(lendo o folheto e insistindo) Já contamos atualmente com quinze milhões de sócios. E, como sócio, tu terias possibilidade de, por exemplo, comprar uma casa própria...

Marcelo, voltando pra mesa, com o cara sempre atrás, se vira pra ele:

MARCELO

(começando a se irritar) Eu não quero comprar uma casa própria.

CARA

Bom, a CAPEMI pode te financiar outras coisas...

MARCELO

(cortando) Vocês arrumam fiador?

CARA

(pegado de surpresa) Fiador?... Não, acho que não... Mas olhas, se tu quiseres adquirir um carro...

Marcelo, na mesa, arruma sua bolsa.

MARCELO

Não me interessa.

CARA

(tentando ainda) Ou uma moto, quem sabe?... (Marcelo nem bola.)
Nós também temos seguros de vida; dependendo da tua faixa salarial, podes comprar um...

MARCELO

(puto e decidido) Olha, tchê, eu trabalho aqui, neste jornal, e a minha "faixa salarial" é uma merda. Além disso, o jornal periga fechar a qualquer hora, a gente nunca sabe se vai sair a edição de amanhã. E se eu ficar sem emprego, o que é que eu faço com a porra do teu seguro de vida?

O cara não diz nada. Marcelo bota a bolsa no ombro e vai embora pela esquerda. O cara junta os folhetos e sai pela direita.

(45) FADE IN. UM quadro-negro. Uma PROFESSORA, de guarda-pó, 45/50 anos, entra em quadro, em PP, sorrindo, antes de iniciar a falar.

PROFESSORA

Bom, eu acho que vocês todos vão fazer Vestibular no fim do ano. Ou não são todos?

Os alunos, como que em PV, sentados atrás das classes, uns atentos, outros de saco cheio, cerca de 20, a voz em OFF.

PROFESSORA (OFF)

Eu acho que são.

Volta o PP da Professora.

PROFESSORA

Bom, talvez seja meio cedo pra falar em Vestibular, não é? Nós estamos em abril... Mas todo mundo já está estudando, e é por isso que eu vim aqui. (Dá uma olhadinha e recomeça, aconselhando.) O que eu queria dizer pra vocês, apesar de saber que a maioria de vocês já tem consciência disso, é que fazendo Vestibular vocês vão fazer uma escolha - e uma escolha muito importante. Talvez a escolha mais importante da vida de vocês.

Os alunos, em plano mais fechado, com a Professora ao fundo; Marcelo à vista.

PROFESSORA

É claro, a gente vive fazendo escolhas, mas esta escolha, a do Vestibular, é irreversível.

Marcelo rabiscando num caderno.

PROFESSORA

De repente, com 17, 18 anos, vocês vão ter que escolher pra que curso vão fazer Vestibular. E que faculdade vocês vão cursar nos próximos 4 ou 5 anos. Obviamente, estarão escolhendo também a profissão que vão seguir depois da faculdade.

A Professora, agora em plano mais fechado.

PROFESSORA

Ou seja, vocês vão decidir agora o que vão fazer pro resto da vida. (Dá uma pausa e arma o tom maternal.) Olha, eu não tou querendo assustar ninguém. Eu sei que todos vocês têm consciência da responsabilidade que estão assumindo. Mas eu tenho visto tanta gente rolando por estas universidades aí, sem saber o que fazer, que eu acho que sempre cabe uma advertência... E até uma sugestão.

Marcelo mordendo a caneta, ouvindo.

PROFESSORA

Antes de preencher a ficha de inscrição pro Vestibular, vocês pensem o que é que vocês vão estar fazendo daqui a dez anos. Imaginem, façam um esforço de imaginação: o que é que vocês vão estar fazendo em 1985?

A professora, em big close.

PROFESSORA

Como é que vocês imaginam a vida quando tiverem 27, 28 anos... Pensem nisso e depois façam a opção.

Marcelo ouvindo com a caneta na boca, imóvel. Quando a Professora termina de falar, ele mordisca a caneta, nervoso, até arrancar a tampa e ficar com ela presa entre os dentes. Pega a tampa, meio atrapalhado, e põe ela no lugar. Fica batendo com a caneta de ponta no papel do caderno, olhando a caneta, meio triste/ sem saco/ frustrado.

Entra "Na batucada da vida", com Elis Regina.

(46) Na cozinha do apartamento de CLÁUDIA HELENA, esta e Ceres tomam café; música ao fundo ainda é "Na batucada da vida".

HELENA

Olha, Ceres, eu acho que a Arquitetura da UFRGS não é grande coisa. Quando eu saí de lá, em 70, já tinha passado toda aquela agitação de 68, 69, tinham expurgado uns professores e a faculdade ficou uma merda. Hoje eu não sei como é, mas me disseram que a Unisinos já é melhor... O problema é que na Unisinos o curso ainda não foi reconhecido pelo MEC... É, eu acho que o menos pior é tu tentar na UFRGS mesmo...

CERES

(atenta) Eu só queria saber o que é que tu me indica com

profissional. (rindo) Não precisa responder como tia.

HELENA

(tomando um gole, achando graça) Vai tomar banho.

CERES

(depois de um instante) Eu vou fazer cursinho depois de julho, só. Não quero me matar estudando. A mãe é que incomoda, né? Por ela, eu tava estudando desde o ano passado.

HELENA

(gozando) A Marisa vive preocupada...

CERES

Não, sabe o quê que é? É que ela tem uma amiga, uma velha chata que é orientadora educacional. Quando essa velha vai lá em casa, ela fica me aconselhando: (imitando a professora) "Minha filha, pensa bem na tua escolha, hein? Pensa no que é que tu vai fazer daqui a dez anos... senão, depois tu vais ficar lamentando pela vida inteira!" Tu vê, a velha diz isso e a mãe acredita.

HELENA

Mas que velha louca! Como é que tu vai saber o que é que tu vai fazer daqui a dez anos?

CERES

Eu sei lá!

HELENA

Imagina, Ceres, se tu decidir agora o que é que tu vai fazer daqui a dez anos, quando esses dez anos passarem tu não vai ter nem o direito de te arrepender...

CERES

É... E se acontecer tudo conforme eu planejei...

HELENA

Se acontecer tudo conforme tu planejou, tu é uma chata de galocha. (Diz isso levantando da mesa e saindo da cozinha.)

(47) Ceres termina o café e vai atrás dela. Passa por uma parede onde há um desenho do Che, em vermelho contra fundo branco. Dá uma olhada rápida; chega na saída, onde Helena examina uma planta numa mesa de desenho.

CERES

Helena, tu não tem medo de deixar aquele desenho do Che na parede, bem à vista?

HELENA

(dando de ombros) O pior que pode me acontecer é me darem um chá de sumiço.

Ceres dá uma olhada no disco da Elis, perto do aparelho de som. De repente, pergunta, como se lembrasse de algo importante.

CERES
Que horas são?

HELENA
Sete e meia.

CERES
Bá, eu tenho que sair correndo (buscando sua bolsa, apressada).

HELENA
Vai te encontrar com o Sérgio?

CERES
Não, eu não tou namorando o Sérgio mais.

HELENA
(se voltando) Vocês já brigaram?

CERES
(botando a bolsa) Hum, hum.

HELENA
Pô!... Mas onde é que tu vai?

CERES
Vou ver um filme do Fellini (já na porta) que estréia hoje.

HELENA
(se voltando) Que filme é?

CERES
(já do lado de fora) "Amarcord". Não quer ir junto?

HELENA
... Não, eu tenho que terminar isso aqui.

CERES
Então tchau. (bate a porta)

HELENA
Tchau. (E volta ao trabalho.)

Termina "Na batucada da vida".

(48) O letreiro do Cinema 1: "AMARCORD - um filme de Federico Fellini". Entra o tema musical do filme. O pessoal vem saindo de dentro do cinema e para na calçada da frente.

Formam-se dois grupos. Num deles, Ceres, BETE, CHICO, MÁRCIO e NECA. No outro, Marcelo, Sônia, MARCO, Cinara, Zé e o IRMÃO DO JAIME. Bete e Chico são namorados; Márcio e Neca, idem; Sônia e Marco, ibidem.

(49) No grupo de Marcelo.

MARCELO

(gozando) Mas que filmezinho bem ruim, né?

MARCO

(no mesmo tom) Pois é, tchê, e eu pensando que era uma daquelas pornochanchadas italianas...

SÔNIA

(abraçada em Marco) Pô, incrível a mulher aquela que era charuteira...

MARCELO

A gorda, que incrível, né? (imita o trejeito dela) Não sei onde é que o Fellini arranja essas figuras.

MARCO

Aquela do cara se afogando nos peitos dela... bá, eu nunca vi uma coisa assim.

SÔNIA

Eu não sei, tem um monte de coisa que eu não entendi. Esta cena, por exemplo: pra mim, era um pesadelo dele.

MARCELO

Pesadelo do guri ou do Fellini?

ZÉ

Podia ser um sonho erótico do Fellini.

Todo mundo ri, menos Zé, que esperava ser levado a sério.

IRMÃO DO JAIME

Imagina... O Zé vai ter sonhos eróticos com a charuteira...
(Risadas.)

(50) No grupo de Ceres.

BETE

Eu nunca tinha visto um filme dele antes. Mas eu gostei pra burro.

CERES

Lindo, né? Que bonita aquela parte em que o avô dele se perde no nevoeiro...

CHICO

O velho ficou pensando que tinha morrido.

CERES

Daí passou um guri: "Ô, velho, tu tá na frente da tua casa."
Coitado...

Márcio e Neca assentem com a cabeça. Neca fuma. Márcio e Sônia chegam no grupo de Ceres. Marco cumprimenta Chico e Bete. Sônia e Ceres trocam beijos.

MARCO

(pro Chico) O Giba não veio?

CHICO

Pois é, ele disse que vinha...

MARCO

Eu tinha que falar com ele sobre o jogo.

BETE

(pros dois) Que jogo?

CHICO

(pra Bete) Vai ter um campeonato lá no cursinho, e o pessoal tá organizando um time lá na aula.

MARCO

Mas tu tem que aparecer nos treinos, Chico.

CHICO

Mas eu não jogo nada. Ainda se fosse pra jogar vôlei...

(51) No grupo de Marcelo.

CINARA

(pro irmão do Jaime) Eu te conheço de algum lugar.

IRMÃO DO JAIME

É, eu sou irmão do Jaime.

CINARA

Ah, tá.

As duas rodinhas estão juntas. Chico e Bete, Márcio e Neca vão embora, dão tchau. O irmão do Jaime senta na capota de um carro.

IRMÃO DO JAIME

(gritando) Io voglio una donna!

Todo mundo ri.

MARCO

Vocês não tão a fim de comer alguma coisa?

ZÉ

Eu vou chegar lá no Torta de Panela.

MARCELO

Putz, o Zé, depois que ganhou a moto, virou boyzinho do Torta de Panela. Não dá pra aturar.

ZÉ

Não, é que eu preciso falar com o Fred, e ele deve estar lá.

MARCELO

Ih, o Fred é outro...

CERES

Não, vamos comer um negócio lá no Rib's. (brincando) Tá mais na moda que o Torta de Panela.

MARCO

Isso aí, vamos lá. Olha, cabem cinco no meu carro.

MARCELO

Eu vou caminhando.

IRMÃO DO JAIME

Eu também.

MARCO

Então vamos.

Zé senta na moto, estacionada à frente do cinema, liga e vai embora.

A música sobe. Marcelo e o irmão do Jaime saem dançando sozinhos, como os personagens de "Amarcord". O irmão do Jaime, aliás, está com uma manta no pescoço. A música diminui.

(52) Entra "A verdade sobre a nostalgia", com Raul Seixas, na parte que fala dos anos 50 e 70. No Rib's, as pessoas pra lá e pra cá, em planos rápidos. Marcelo e Ceres sentados juntos no balcão. Marcelo conversa com o irmão do Jaime. Ele sai.

(53) Do lado de fora do Rib's, irmão do Jaime se junta a Marco, Sônia e Cinara. Marco conta uma estória com muitas gesticulações. Os outros riem muito em roda.

(54) Ceres e Marcelo conversam, só música no princípio (comem cheeseburger). Depois (plano mais fechado):

MARCELO

Mas tu já morou no Menino Deus, não morou?

CERES

Morei, sim; na Barão do Triunfo, perto do edifício da Sônia.

MARCELO

Isso. Acho que eu te vi lá uma vez que outra, nas reuniões da Sônia.

CERES

Eu fiquei lá até... setenta e três? É, faz uns dois anos que eu me mudei.

MARCELO

Mas eu não lembro de ti andando muito com o pessoal... Tu não andava com eles?

CERES

É que nessa época eu me dava mais com o pessoal da minha aula. Eu tava no Aplicação.

MARCELO

(irônico) Ah, já entendi. Eu sei como é o Aplicação.

CERES

É... Mas mesmo assim eu me dava com a Sônia, com a Cinara. mais ou menos... Mas depois que eu mudei eu fiquei um tempão sem ver ninguém. Só fui encontrar eles por agora.

MARCELO

Era uma turma grande.

CERES

Teve gente que eu só conheci depois. O Zé, eu encontrei ele em setenta e três, em Tramandaí. Não conhecia ele.

MARCELO

Ele tá diferente, né?

CERES

É, de cabelo comprido, moto...

MARCELO

Que incrível, né?

(55) Começa a tocar "Tu és o MDC da minha vida", com Raul Seixas. Lá fora, o grupo. Saem caminhando, juntos. Entram no carro de Marco, ele e Sônia na frente; Cinara e o irmão do Jaime atrás. Marco leva a mão ao bolso do casaco. Olhares ansiosos de Cinara, Sônia e irmão do Jaime. Do bolso, ele tira um baseado, que fica

alisando.

(56) Dentro do Rib's.

MARCELO

... eu gosto de matemática. Sempre me dei bem em matemática; mas ultimamente eu tenho vontade é de escrever. Quer dizer, eu sempre tive mania de ficar escrevendo historinha, desde criança. Mas agora a mania tá tá ficando mais... consistente. Eu tenho a impressão de que eu posso escrever alguma coisa.

CERES

Tu faz poesia?

MARCELO

Não, eu não tenho saco geralmente pra fazer poesia. Eu gosto mais de conto, crítica de cinema, ou então escrever gozação mesmo.

CERES

Por que tu não faz Jornalismo?

MARCELO

Pois é, é praticamente certo que eu me inscrever pra Jornalismo pro vestibular. Pode ser que na hora dê uma luz e eu resolva botar Matemática, Engenharia, sei lá. Mas eu tenho quase certeza que eu vou fazer Jornalismo, mesmo. (...) E tu, o quê que tu vai fazer?

CERES

Eu? Vou fazer Arquitetura.

MARCELO

Ah, tá. E tu gosta disso?

CERES

Gosto, né? Gosto... É a opção que menos me desagrada.

MARCELO

(rindo, mas sem entender) Mas por quê?

CERES

Eu acho Arquitetura bonito. Mas eu me sinto meio inútil com ela, é como se fosse fácil escolher Arquitetura e fim. Eu gostaria de fazer é uma coisa como o que uma amiga minha faz.

Marcelo olha, curioso.

CERES

Essa amiga minha, a Giki, tá fazendo um negócio legal. Toda semana, ela e mais três gurias vão numa vila, ou numa praça da cidade, e passam a tarde inteira contando histórias pras crianças. E eu tava com vontade de fazer alguma coisa assim. Pô, eu acho muito bom isso, porque é uma forma de trabalhar com criança, que

eu adoro, e ao mesmo tempo também é um jeito de fazer alguma coisa positiva pra elas.

MARCELO

(levemente irônico, sem que Ceres perceba) É, se tu te sente satisfeita com isso...

CERES

Eu fico pensando: me formo em Arquitetura e vou fazer projeto de banco, supermercado, casa pra milionário... Pode ser até que seja uma coisa boa, que eu transforme numa coisa boa, mas não é suficiente.

(57) Entra o "Rock do diabo", com Raul Seixas. No carro, Sônia acende o baseado e dá a primeira. Marco pega, pra segunda. Cinara e o irmão do Jaime olhando, e se olhando.

(58) Dentro do Rib's. Marcelo e Ceres estão rindo.

MARCELO

Tem um outro conto que é assim, ó: um cara pass um ano no CPOR e, no dia da formatura, joga um bomba lá dentro. (Ceres arregala os olhos e estoura, rindo.) Eu gosto muito desse conto... Outro é meio "realismo fantástico": é um cara se masturbando, e que termina se transformando na mulher em quem ele tava pensando.

Ceres bota a mão no rosto e fica rindo, meio sufocada, sem freios. Marcelo ri junto e os dois não conseguem falar por uns segundos.

MARCELO

Que coisa louca, né? Mas tem um que é meio estranho: um cara sobe num edifício e diz que vai se atirar lá de cima. Aí, junta um monte de gente em volta. E daí... Bom, daí ele se atira.

Ceres esperava rir, mas fica só olhando e vai aos poucos perdendo a expressão de quase-riso. Marcelo fica quieto. Silêncio.

CERES

Mais ou menos quantos contos tu já escreveu?

MARCELO

Acho que uns vinte e cinco, por aí... Mas eu gosto mesmo é de uns seis ou sete.

CERES

Eu queria ler...

Marcelo fica olhando.

CERES

(sorrindo) Será que eu vou ter que esperar que saia o livro?

Marcelo sorri, menos que Ceres, mas não diz nada. Silêncio.

MARCELO

(olhando pra fora, procurando) Onde é que tão os outros, hein?

CERES

(olhando também) Não tão lá fora?

MARCELO

Não...

CERES

Devem ter ido pro carro.

MARCELO

Vamos ver se eles tão lá?

CERES

Vamos.

Pegam as bolsas.

(59) Dentro do carro. Música a pleno. O irmão do Jaime, inexperiente, vai dar um pega e acaba se queimando. Cinara sorri. Pega o baura e vai tragar quando alguém bate na janela. Ela se assusta, esconde o baseado.

Marcelo pinta na janela, sorrindo. Marco põe a mão na cara, aliviado. Sônia diz um "Filho da puta" inaudível e abre a porta. Entram Ceres e Marcelo, ele sorrindo.

O carro vai embora.

FADE OUT.

Letreiro: FIM DA SEGUNDA PARTE.

(60) LETREIRO: DEU PRA TI ANOS 70 - TERCEIRA PARTE

Ceres toca a campainha. Espera uns instantes. A porta entreabre. Em PP, num canto da porta MARGARETE olha, séria.

CERES

Oi.

A câmara pega Margarete, que não diz nada, olhando sempre.

CERES

A Ângela tá aí?

MARGARETE

Não.

CERES

(meio atrapalhada) Ela não voltou da aula ainda?

MARGARETE

Não sei.

CERES

(ainda atrapalhada) Eu... posso esperar por ela?

MARGARETE

(sorrindo pela primeira vez, achando graça no jeito de Ceres)
Claro.

Margarete abre o resto da porta. Ceres entra.

(61) Pelo lado de dentro, Margarete fecha a porta. Margarete vai andando em direção ao quarto. Ceres vai atrás.

CERES

Tu é irmã da Ângela?

MARGARETE

Hum, hum.

Entram no quarto. Margarete deita na cama, onde há algumas revistas (a Veja dos anos 70, uma Playboy ou Status), e fica olhando pro teto.

Ceres senta numa almofada e nota uma bolsa de viagem (ou mochila) semi-arrumada, com algumas roupas dobradas por cima. Ceres tira o último cigarro da bolsa, amassa a carteira, acende o cigarro. Margarete a observa, séria.

Ceres lhe oferece um pega. Margarete faz que não com a cabeça. Ceres dá uma tragada, solta e volta a olhar pra mochila.

CERES

Tu vai viajar?

MARGARETE

Vou acampar.

CERES

Hoje?

MARGARETE

Hum, hum.

Ceres fica mais à vontade. Tira as sandálias e põe elas ao lado.

Estica as pernas. Margarete olha pros pés dela. Ceres também olha, sem entender.

Margarete se levanta da cama, senta perto de Ceres. Estica as pernas até tocar as solas de seus pés com as de Ceres.

Ceres pisca os olhos, sem entender; leva o corpo pra frente, tensa, mas não encolhe as pernas; depois sorri. Margarete sorri muito e diz:

MARGARETE

Que legal! Gostei de ti.

CERES

Eu também gostei de ti. (...) Como é o teu nome?

MARGARETE

Margarete. E o teu?

CERES

Ceres.

As duas sorriem, achando graça. Silêncio.

MARGARETE

Eu vou dar uma chegada no súper. Tu quer ficar aí?

CERES

Não, eu vou contigo. Tenho que comprar cigarro.

Margarete se levanta, rápido. Ceres se levanta devagar.

(62) As duas na rua, indo pro súper. Ao fundo, toca "Beleza pura", com A Cor do Som.

CERES

Não tem ninguém na tua casa?

MARGARETE

O pai tá viajando. A mãe eu não sei onde tá, deve chegar daqui a pouco.

CERES

... Acho que a Ângela não vai chegar tão cedo.

MARGARETE

É. (...) Vocês vão morar juntas?

CERES

Eu e a Ângela? Não sei, a gente só falou por alto, assim: não pensamos muito, ainda. E, depois, tem mais gente que tá a fim de sair de casa. Pelo menos mais umas três pessoas.

MARGARETE

Hum.

CERES

O problema é de grana, também. Tu vê, a Ângela, por exemplo, tá procurando emprego mas, por enquanto, não tem como se sustentar pra morar sozinha.

MARGARETE

E tu, tá trabalhando?

CERES

Tou... Quer dizer, eu tenho um emprego, tou na Zero Hora, faço revisão... Sabe o que é? Comparar dois textos prum jornal, ver se não tem erro, se tão iguais... um saco... mas isso não quer dizer que eu esteja "trabalhando", né?

MARGARETE

(pouco interessada) Hum, hum...

CERES

Mas dá pra viver, eu acho. Pelo menos até o fim do ano que vem. (gozando) Aí, eu termino a faculdade, me caso e vou ser uma grande "arquitêta".

MARGARETE

(rindo) História! Os teus peitos não são tão grandes assim.

As duas riem; elas tão chegando no súper.

(63) Entram no súper. Sobe a música, bem no solo de guitarra.

Planos rápidos: Ceres deixando a bolsa na recepção, a moça diz que não precisa; pelos corredores, Ceres vê Margarete roubando uns pacotinhos e botando no bolso; Ceres de olho arregalado; Margarete faz sinal de silêncio e sai empurrando o carrinho; Ceres olha pra trás e sai correndo atrás de Margarete; chegam numa ponta do corredor; Margarete olha Ceres; Ceres olha pros lados e faz um OK pra Margarete; Margarete pega pequenas mercadorias e põe no outro bolso; pega uma coisa, não gosta, devolve à prateleira; Ceres olhando pelo corredor, cuidando; Margarete vem botar uma caixa na bolsa dela; bota outra coisa na sua manga; mais uma na cintura; e outra ainda na meia.

As duas chegam no caixa, com quase nada no carrinho; Ceres com medo, Margarete confiante; as duas passam numa boa. A música diminui.

(64) O bar Alaska, pelo lado de for, à noite, ao mesmo tempo em que entra "Como nossos pais", com Elis Regina. Gente entrando no

bar.

(65) Dentro do bar. Marcelo, RICARDO, ERNÂNI e JOÃOZINHO numa mesa. O bar não tá cheio. Eles estão conversando, há copos de chope na mesa.

Marcelo, de repente, olha numa direção. Ceres tá entrando, com JOAQUIM e MARTA atrás. Ceres vê Marcelo, sorri e vai até ele. Beijinhos, um de cada lado. Ceres dá "oi" pros outros. Joaquim e Marta vão sentar noutra mesa.

MARCELO

Mas tu não para de agitar nem nas férias, hein, Ceres?

CERES

Como assim?

MARCELO

Ah, eu te vi um dia desses lá no DAIU. Mas tu tava tão ocupada que eu nem fui falar contigo.

CERES

Hum....

MARCELO

Tava tu e mais umas pessoas... acho que fazendo um mural. Tu andava dum lado pro outro, buscando recortes, dando palpites...

CERES

É, eu ando a mil ultimamente. Tou participando das reuniões da diretoria do DAFA, da comissão de jornal da Arquitetura, e ainda tou ajudando a fazer o mural do DAIU. E mais o jornalzinho do DAIU, agora pra inicio das aulas.

RICARDO

Mil burocracias...

Ricardo ri. Marcelo dá um risinho sarcástico.

CERES

E tu, Marcelo, quê que conta?

MARCELO

Eu?... Pois é, eu tava justamente dizendo pra eles agora que o meu livro de contos tá praticamente pronto. Só falta escrever os contos. (Ri) Mas senta aí, Ceres, puxa uma cadeira...

CERES

Não, eu tou com o...

Ceres meio que se volta na direção de JAIRO, que vem da porta nesse instante, se aproximando, e passa o braço sobre o ombro de

Ceres, possessivamente, mas não muito.

CERES

... Ó, Marcelo, esse é o Jairo.

Marcelo e Jairo se olham; Marcelo meio sem esperar esse lance; Jairo na dele, por cima da carne seca.

JAIRO

Oi.

MARCELO

Oi.

CERES

(...) Depois eu falo contigo, Marcelo.

Marcelo assente com a cabeça, meio brocha.

Ceres e Jairo vão sentar. A música sobe. Marcelo volta a prestar atenção na conversa (que, aliás, não chega a ser conversa). Ceres e seus amigos conversam e bebem.

(66) Na mesa de Marcelo:

MARCELO

Vocês chegaram a ler a revista do Mino Carta, a "Ou Seja"?

Ernâni faz que não com a cabeça, pouco interessado, tomando um gole de chope.

MARCELO

O nome da revista é Isto É, mas tão chamando de Ou Seja. (Sorri, olhando pro copo, mas ninguém ri junto.) Tem que ver, a capa, a impressão, o papel, parece até a Manchete, O Cruzeiro, essas bostas aí. Mas tem umas coisas boas. Tem o Millôr, o Luis Fernando Verissimo...

ERNÂNI

Eu já enchi o saco de ler essas "novidades". A última coisa interessante que lançaram na imprensa brasileira foi o...

Dá uma rápida pausa pra se lembrar do nome. Ricardo aproveita.

RICARDO

... o Correio do Povo? (Ri.)

ERNÂNI

(mal rindo, sem achar graça) Não, foi o jornalzinho aquele meio anárquico, o "Ex". Puta, aquilo sim era criativo.

Marcelo olha para Ernâni. Ernâni olha pro chope. Ricardo olha pro

alto, coçando a barba. Joãozinho olha pro meio da mesa.

ERNÂNI

Tem que ver, lá naquela zona lá do Menino Deus, agora, tá tendo aquelas brigas de bando, sabe? De marginal, mesmo. Dez contra dez, coisa fina. A polícia nem chega perto. Tou muito a fim de estudar caratê, kung fu, essas coisas, pra ver se entro numa dessas.

Silêncio.

RICARDO

Bá, e esse lance de prenderem o Gil lá em Floripa?

Ninguém diz nada, só olham.

RICARDO

Não güentei esse lance. Vê só, os baianos vão lá pra cantar, fazer o show numa boa, e daí pinta sujeira. Agora ele vai ter que responder processo, vão esculhambar ele. Os caras tavam a fim de sacanear alguém e pegaram o Gil pra courinho.

Ernâni toma um gole de chope.

(67) Joaquim e Jairo bebem cerveja. Marta e Ceres, guaraná. Marta dá uma olhada no relógio e pergunta a todos:

MARTA

Escuta, e a Rosângela?

JOAQUIM

(sem entender) O quê que tem?

MARTA

Não chegou ainda.

JOAQUIM

(bebendo um gole) Ela disse que ia passar em casa antes de vir pra cá.

MARTA

(insistindo) Mas, mesmo assim, tá demorando muito.

JAIRO

(consulta o relógio) É, tá demorando...

Joaquim para de beber; fica olhando pra Jairo, Ceres e Marta, sucessivamente. Pergunta a Jairo:

JOAQUIM

Diz uma coisa: ela tava com os jornais... ou com os panfletos?

Jairo dá de ombros, devagar.

CERES

(pensando e interferindo) Tava, sim. Ela pegou uma pilha de jornais pra levar pra casa.

Jairo e Joaquim ficam olhando para Ceres, apreensivos.

MARTA

Tu tem certeza?

CERES

(segura) Tenho, sim, eu vi ela pegando e dizendo que era mais fácil levar pra casa do que voltar no DAFA amanhã de manhã.

JAIRO

(balançando a cabeça, desaprovando) Ela não devia ter feito isso...

JOAQUIM

(decidindo agir) Peraí, peraí, vamos com calma. Cabeça fria. (Os outros olham pra ele.) Pode ser que tenha acontecido alguma coisa com a Rosângela, mas por enquanto a gente não pode se abalar.

Fica pensando, todos em silêncio.

CERES

Pô, ninguém sabe o telefone da casa dela?

MARTA

(solícita) Eu sei. Tá aqui na minha caderneta. (Mexe na bolsa, meio afobada.)

JAIRO

Não, eu sei de cor... É... dois-três, dois-zero, oito-meia.

CERES

(se levantando) Então me dá uma ficha que eu ligar pra ela.

JOAQUIM

(levantando também e fazendo Ceres sentar) Não, deixa que eu vou, eu tenho ficha.

E sai, meio autoridade.

(68) Na mesa de Marcelo.

MARCELO

Mas na Isto É saiu uma matéria do Millôr que era um "ABC da mulher liberada". Um pau nas feministas. Bem do jeito que o Millôr gosta.

ERNÂNI

(olhando pro copo e cortando Marcelo) O Heidegger morreu esses

dias, né? (...) O ser é a essência do nada. A essência da consciência do ser está em ser a anti-consciência do nada. (Faz um gesto com a mão.) E assim por diante. (Toma um gole.)

Joãozinho faz um gesto pro garçom, pedindo uma caipirinha, enquanto Marcelo fala:

MARCELO

Mas viu, neste artigo do Millôr tem uma palavra pra cada letra do alfabeto, e aí forma o tal "ABC da mulher liberada". Na letra "O" ele fala do orgasmo, assim: "As mulheres discutem se o orgasmo delas é vaginal ou clitoriano. Em todo caso, o meu eu não discuto: é vaginal."

ERNÂNI

Eu sempre achei que o Glauber Rocha era um fascista. Esses tempos eu vi um filme dele, o "Terra em transe"... Numa dessas sessões daquele tal Grupo Humberto Mauro, aí no Bristol... Mas o cara é muito louco, é uma mistura de marxismo e candomblé, bem Cinema Novo. Agora o cara voltou pro Brasil, e os caras querem levar a sério tudo que ele diz. São uns babacas.

O garçom chega trazendo a caipira, num copo com uma colherinha. Ricardo olha e se concentra, as pontas dos dedos sobre a testa, a testa franzida. Joãozinho segura o copo como se fosse tomar um gole, mas fica olhando pra Ricardo, intrigado. Ricardo aproxima o rosto da colher, olhando fixo, desafiador:

RICARDO

(contorcendo o rosto) Entorta! Entorta!

A colher fica na mesma. Joãozinho pega o copo e toma um gole.

(69) Joaquim voltando, sério. Todos, na sua mesa, preocupados e em expectativa. Joaquim senta. Um instante em silêncio.

JOAQUIM

Não tinha ninguém na casa da Rosângela.

JAIRO

Putá merda!

Ceres bota a mão no rosto.

MARTA

Será que prenderam ela?

JOAQUIM

(tentando controlar a situação) Eu acho bastante provável que a polícia tenha pegado ela. (um instante de expectativa) E eu liguei pra Luci e ela acha a mesma coisa. Ela disse que é pra gente não se alarmar, mas que seria melhor cada um ir pra sua casa... só por

questão de segurança.

MARTA

(se levantando) Bá, então vamos embora.

Ceres mexe na bolsa, afobada, vasculhando.

JOAQUIM

(pra Ceres, de pé) TU tem panfleto aí dentro?

CERES

(tirando um livro e mostrando, meio na moita) Não, mas tem esse livro do Gramsci.

JAIRO

(interessado, pegando o livro) Bá, esse eu não conheço.

JAIRO

(ríspido, tirando o livro de Jairo botando na bolsa de Ceres) Vamos embora de uma vez.

Vão saindo, Marta na frente. Marta para, de repente, olhando assustada pra frente:

MARTA

Rosângela!

ROSÂNGELA vem entrando calmamente, sorrindo, estranhando a saída dos outros. Seus cabelos estão milhados.

ROSÂNGELA

Ué, vocês já iam embora?

JOAQUIM

(furioso, se contendo, falando entre dentes) Ô, sua filha da puta... Onde é que tu te meteu?

ROSÂNGELA

(espantada e inocente) Eu só tava em casa lavando o cabelo, e foi por isso que eu demorei um pouquinho.

Os outros se olham, aliviados/ frustrados/ irritados. Começam a voltar pra mesa.

ROSÂNGELA

(sentindo a reação e levantando a voz, ofendida) O quê que tem? Não pode mais lavar o cabelo, seus esquerdinhas de merda? O quê que vocês têm contra mim?

Os outros vão sentando de volta na mesa. Ela, depois de um instante, emburrada, vai sentar também.

FADE OUT, enquanto "Como os nossos paaaaaaais".

(70) Recorte de jornal anunciando a estréia do show do Nei e do Augusto, "Deu pra ti, anos 70". No Renascença, o técnico de som diz "Alô, alô", as pessoas arrumam cenário, os músicos conversam. Música ao fundo, instrumento sendo afinados - tudo rápido, menos de um minuto.

(71) FADE IN. Desde o início, toca "Nessa cidade", com Nei Lisboa e Augusto Licks. Ceres, em seu quarto, botando uma roupa na mochila; fecha, pega a sacolinha e vai pra sala. É de manhã cedo.

(72) Na sala, a MÃE DE CERES, ainda de chambre ou coisa parecida, os cabelos desarrumados de quem acordou há pouco. Ela fica rondando Ceres.

MÃE DE CERES

(meio desconfiada, mas disfarçando) Tu tá com a passagem?

CERES

(tomando um copo de leite, apressada) Não, as passagens tão com a Miriam; ela já deve tá na Rodoviária.

MÃE DE CERES

Tu não quer que o teu pai te leve na Rodoviária?

CERES

Não, não precisa, não vai acordar o pai a essa hora.

A mãe se levanta, se aproxima de Ceres, abraça ela, que fica sem jeito; a mãe penteia os cabelos de Ceres com as mãos.

MÃE DE CERES

Pra onde é que tu vai mesmo? Tu sabe que eu não me importo, pode ir pra onde tu quiser, tu é que sabe da tua vida, mas eu quero saber onde tu tá, né, pro caso de acontecer alguma coisa...

Ceres tenta responder, mas a mãe continua:

MÃE DE CERES

É claro, eu sei que não vai acontecer nada, mas eu me preocupo.

CERES

(não gostando do papo todo) Tá, mãe, a gente vai ficar até segunda-feira em Garopaba e depois vamos pra Praia da Guarda.

MÃE

(à queima-roupa, a pergunta decisiva, parando de pentear) Vão ficar em barraca?

CERES

Vamos, sim, por quê? (se puteando e ficando arrogante) Eu sei me cuidar, né?

MÃE DE CERES

(sentando de novo) É claro, minha filha, tu sabe te cuidar.

Silêncio. Ceres bota a mochila nas costas.

MÃE DE CERES

Quem é que vai contigo, que tu disseste?

CERES

(güentando) Já te falei, mãe, vai a Miriam, o Jairo, o Carlinhos, a Bete, o Chico, o Giba...

MÃE DE CERES

(com cara de preocupada) Mas tem barraca pra tanta gente?

CERES

Tem, mãe, tem duas barracas grandes, cabe todo mundo. (pegando a sacolinha e cortando) Olha, mãe, eu vou embora senão eu perco o ônibus.

MÃE DE CERES

(levantando, meio confusa/ aflita) Quem sabe o teu pai te leva?

CERES

(irritada) Mãe, eu já disse que não!

Mãe fica quieta; Ceres dá um beijo, Mãe passa a mão rápido nos cabelos de Ceres, que sai logo.

(73) No elevador, Ceres dá um longo suspiro. Entra "Sumir do cais", com Nei Lisboa e Augusto Licks.

(74) A rodoviária vista de fora. Dentro: gente, ônibus, movimento. Jairo esperando por Ceres. Ela vem lá longe. Ela dá uma corridinha, quando vê ele. Ele caminha para ela. Se abraçam, se beijam, numa boa. Atravessam a rodoviária, contentes. Saem pelo estacionamento.

(75) Na beira da Free-way, Jairo e Ceres andando. Fazem sinal para uns carros, ainda andando. Largam mochilas no chão e ficam pedindo carona. Um carro para, eles correm. Entram no carro, que parte. A música vai baixando.

(76) Panorâmica de Garopaba, à tarde, cerca de cinco horas.

(77) O acampamento pra onde vão Ceres e Jairo: é bem "familiar", tem mesinha, cadeirinha, lampião e liquinho, fio para estender roupa. Chico está no carro ouvindo rádio: toca "Meu caro amigo", com Chico Buarque. GIBA está com uma pilha de pratos na mão pra lavar. Bete está procurando alguma coisa numa sacola de comida.

De repente, pintam Ceres e Jairo, aos gritos ("iuhu" ou coisa parecida). Chico, Bete e Giba (este com os pratos na mão) chegam mais: beijos, abraços. Chico, antes de sair do carro, baixa o volume do rádio. Ceres e Jairo despejam as bagagens no chão. Em PM:

BETE

A Miriam não veio com vocês?

CERES

Não, eu falei com ela ontem; ela disse que ainda não sabia, que ia falar com o Carlinhos... sei lá, deu uma enrolada. Acho que ela não veio porque tá estudando bastante agora pro Vestibular.

CHICO

É, dezembro é o mês do desespero...

GIBA

Vocês vieram de carona pra cá?

JAIRO

Bá, foi fácil paca pegar carona. Primeiro, foram uns veinhos lá na Free-way; eles nos deixaram na estrada de Tramandaí. Aí a gente esperou acho que uma meia-hora...

Close em Ceres, que tem a atenção despertada repentinamente pra outra direção, enquanto Jairo fala.

JAIRO

... e acabou pintando um caminhão que ia pra Curitiba pelo litoral...

Plano mais aberto mostrando duas pessoas que passam em primeiro plano e saem de quadro.

JAIRO

... Ele nos largou na Federal, a uns dez quilômetros daqui.

Ceres, que olhava as duas pessoas, sai correndo em direção a elas, chamando:

CERES

Marcelo!

(78) Marcelo e o irmão do Jaime, sem camisa os dois, param e se voltam. Marcelo sorri ao ver Ceres, surpreso e contente. Marcelo

tem na mão um balde de peixe.

MARCELO

Ôoo, menina... (beijinhos meio de longe) Não chega perto que eu tou cheirando a peixe.

CERES

(olhando os peixes) Ah, que legal! Onde é que vocês pegaram?

MARCELO

A gente tava ajudando uns caras no arrastão... (olhando pro irmão do Jaime e em seguida falando pra Ceres) Tu lembra dele?

CERES

(sorrindo) Claro... Tu... é o irmão do Jaime, né?

IRMÃO DO JAIME

É...

MARCELO

Tu tá acampada aí?

CERES

Hum, hum. A gente cegou agorinha mesmo, eu e o Jairo...

MARCELO

Hum... Pois é, eu tinha visto já o Chico e a Bete... e o outro cara aquele...

CERES

O Giba.

MARCELO

É, o Giba. Nós tamos aí, desde ontem. (apontando) Tamos logo ali adiante. O Nei e o Augusto vieram com a gente.

CERES

Ah, eles tão aí? Que bom.

MARCELO

Eles vão fazer um som hoje de noite. Tu não quer pintar lá depois?

CERES

Bá, sou capaz de pintar mesmo.

Silêncio. Se olham.

CERES

E tu, já acabou o teu livro?

MARCELO

O meu livro? (fungada/ risada/ hum) Joguei tudo fora.

CERES

Jogou tudo fora? Todos os contos?... Mas por quê?

MARCELO

Ah, não tinha nada que prestasse, era tudo uma merda. Joguei fora. (baixa a cabeça; um instante em silêncio, depois levanta) Agora eu tou a fim de escrever poesia, letra de música, sei lá... E também quero ler muito, é o que eu tou mais a fim.

Silêncio.

MARCELO

Bom... eu vou chegando, Ceres...

CERES

Tá.

MARCELO

(saindo) Vê se pinta, hoje de noite.

CERES

Tá, eu pinto... Tchau.

MARCELO

Tchau.

Ceres sai pro acampamento. Marcelo e o irmão do Jaime vão pro seu.

IRMÃO DO JAIME

(pra Marcelo) Gorduchinha mas gostosinha.

Marcelo dá um sorrisinho, mas não diz nada.

(78A) Chegam no acampamento. Só tem barraca pequena, velha, talvez até uma lona espichada servindo de barraca. Roupas atiradas no chão. Sujeira, latas, marca de fogueira no chão. Tudo improvisado.

Fred tá sentado em meio-lótus, ao lado da fogueira apagada, arranhando o violão, compenetrado. Marcelo mostra os peixes.

MARCELO

Já temos rango pra amanhã, ó!

Fred não diz nada; Nei se aproxima, dizendo um "oba" bem sonoro. Augusto senta do lado de Fred, que lhe passa o violão.

(79) Noite. Acampamento de Ceres. Todo mundo em volta do fogão. Jairo e Ceres bem juntinhos. Trocam beijinhos. Giba lhes estende um copo:

GIBA

Olha a caipira.

Jairo pega, toma um gole, passa pra Ceres. Chico assovia "O que será".

CERES

Ô, Chico, quanto tu tirou na prova de Estudo da Forma?

CHICO

(após um segundo) Eu não fiz a prova.

CERES

... Então tu perdeu a cadeira,

CHICO

Hum, hum. (Silêncio) É uma bosta, né: eu não posso largar o meu emprego no banco, mas não dá pra ficar perdendo muita aula, também... Senão eu vou só vou sair da Arquitetura daqui a dez anos.

BETE

Francisco, cadê o escorredor de massa?

CHICO

Não sei, Maria Elizabete, não fui eu que lavei os pratos.

BETE

(falando como mãezinha) Que querido, não gosta que eu chame ele de Francisco na frente dos outros.

Bete dá um abraço melado em Chico. Ele se esquivava.

CHICO

Ih, sai, sai...

JAIRO

(rindo) Quando é que vocês vão casar, hein?

Bete desfaz o abraço.

CHICO

Um dia desses.

CERES

É mesmo?

BETE

Não sei não, se eu vou querer. (Faz um beijo exagerado.)

JAIRO

Pra mim, vocês já estão casados.

GIBA

(estendendo o escorredor de massa) Ó, Bete, tá aqui o escorredor.

Bete pega e sai.

(80) Acampamento de Marcelo. Chaleira esquentando na fogueira. Baseado na roda. Nei com o violão no colo, sem tocar. O irmão do Jaime toma um pega do baseado, vindo de Marcelo. Todo mundo meio meleca.

MARCELO

Como é que é a Bahia, Nei?

NEI

Ah, a Bahia... a Bahia... tem trezentos e sessenta e cinco igrejas.

Todo mundo ri, mais por melecagem do que pela piada. Augusto e Nei começam a tocar "Outros sentidos", até o verso "Onde pegar carona é muito natural".

(81) Acampamento de Ceres. Todos comem massa, meio grudenta.

CERES

(pro Jairo) Amanhã vamos caminhar até a outra praia, hein? Diz que é tri-bonito.

JAIRO

... Então é bom a gente dormir cedo, né?

Ceres olha pra ele. Um instante de silêncio.

CHICO

Bá, mas nós não vamos jogar carta agora?

GIBA

É, uma partidinha de buraco, rapidinha, eu tou fazendo.

CHICO

Grande! Então vamos eu e tu.

BETE

(de pé, com a panela na mão) Ninguém mais quer massa?

JAIRO

... Acho que tu não devia ter perguntado. (Risos.)

GIBA

(sempre quebrando galho) Eu quero mais. (Estende o prato.)

BETE

Aí, Giba... Tu é o único que prestigia a minha comida.

JAIRO

Não, eu também gosto da tua massa. Tava cheio de mosquito aqui; depois que a gente começou a comer, os mosquitos sumiram.

Mais risos.

(82) Acampamento de Marcelo. Nei e Augusto terminam de cantar "Outros sentidos". O chazinho tá passando. Quando termina a música, Nei toma um gole. Os outros aplaudem, melecões. Augusto começa a fechar um baseado. Fred se levanta, mexe as pernas, desenferrujando.

FRED

Bá, eu vou chegar lá na praia.

MARCELO

(sem entender) Pra fazer o quê?

FRED

Pra ver o sol nascendo.

MARCELO

Bá, não vai, tchê, é tri-cedo.

Fred para um instante; nem imaginava que horas eram.

FRED

Que horas são?

Marcelo levanta e a custo consegue olhar o relógio.

MARCELO

Duas horas.

Fred fica quieto, sem saber o que fazer; depois decide.

FRED

Ah, não quero saber, eu vou lá fazer o sol nascer.

MARCELO

(rindo e segurando Fred pelo braço) Que nada, cara, fica quieto aí... Como é que tu vai fazer o sol nascer?

FRED

(panqueção) Ah, não sei, eu dou um jeito.

MARCELO

Não, peraí, vamos fazer assim: vamos dar um tempo, tá, e depois eu vou contigo lá e a gente pega o sol nascendo... Tá legal?

Fred fica quieto, meio pensando, e acaba sentando. Marcelo também.

(83) Barraca de Ceres e Jairo. Tocando "Conflito", com Fagner. Os dois deitados, se olhando de frente, bem perto, quietos.

JAIRO

Tu não tava a fim de ir lá no acampamento do Marcelo?

CERES

Não, eu não faço questão. Prefiro ficar aqui.

Silêncio.

JAIRO

O quê que tu falou com o Marcelo?

CERES

(não esperava a pergunta) ... Nada. Só perguntei o que é que ele andava fazendo. (...) A gente não se via há muito tempo... acho que desde julho, desde aquela vez lá no bar, que eu te apresentei ele.

JAIRO

(quieto, um instante) Eu vi ele uma vez que outra lá no Jornalismo. (...) Ele nunca falou comigo. Acho que ele é da Perspectiva, nunca vi ele dar papo pro pessoal da Nova Proposta.

CERES

(rindo) Não sei... acho que ele não é da Perspectiva.

Um silêncio largo.

JAIRO

Ceres... Tu lembra do aniversário da Andréa?

CERES

Lembro. Quê que tem?

JAIRO

Lembra daquilo que eu falei contigo?

CERES

(sem entender) ... que tu falou comigo?

JAIRO

(insistindo, mas sem jeito de abrir o jogo) Aquilo... se tu tava a fim...

CERES

(sacando e sorrindo) Ah... quando tu disse que queria dormir comigo?

JAIRO

(botando a mão no rosto, como que se escondendo; depois, sorrindo amarelo) É...

CERES

(sorrindo e abraçando Jairo) Eu lembro, sim. (...) Eu gosto de ti.

JAIRO

Gosta mesmo? (abraça ela)

CERES

Hum, hum.

JAIRO

... Muito?

CERES

... O suficiente.

Os dois riem e se beijam, se arretam. A música diminui e termina no corte.

(84) Na praia, quase amanhecendo. Entra "Natureza noturna", com Fagner. Duas figuras em silhueta caminham em direção à beira do mar. Sentam na areia. São Marcelo e Fred, só de calça Lee, sem camisa. Marcelo olha pro mar, pensativo. Fred tá tentando fechar um baseado, mas deixa cair no chão, de meleca que está, e não consegue ver onde é que caiu. Fica de quatro, catando.

FRED

Que bosta!

MARCELO

(olhando longe, pro mar) Fred...

FRED

(sempre procurando) Quê que é, ô, bicho da seda?

MARCELO

Me diz em quem tu tá pensando.

FRED

(irritado) Tou pensando nessa merda de baseado que eu perdi.
(Soqueia a areia.)

MARCELO

Não, Fred, eu perguntei QUEM, em QUEM tu tá pensando.

Fred para de catar por um instante.

FRED

Sei lá... no... Eric Clapton. (E volta a catar.)

MARCELO
Bunda-mole.

FRED
Quem? O Eric Clapton?

MARCELO
Tu e ele. Os dois são uns bunda-moles.

FRED
Ah, é? (Para de catar em definitivo, meio puto.) E tu? Tu não é bunda-mole? Só fica pensando no... Júlio Cortázar, naquele tal de... Abel Silva, sei lá...

MARCELO
(sério) Não tou pensando neles. Tou pensando em mulher. Mulher, Fred, um monte de mulher. (Se levanta.) Todos as bucetas, bundas e bocas do mundo. E todos os peitos, também. Isso é que me interessa.

FRED
Pra mim, tu é um punheteiro.

Marcelo para e olha Fred.

FRED
É, tu é um punheteiro. Vem acampar com um monte de barbado e fica aí te lamentando. (...) Outra coisa: essas tuas poesias, esses contos que tu escreve... é tudo punheta, é pura punheta. Por que tu não vai atrás das bucetas em vez de ficar nesse atraso?

MARCELO
Como tu é burro, Fred, porra! Isso que eu escrevo é desejo, não é punheta, é desejo... E o desejo é uma coisa tri-poética... É a única coisa poética. E eu não sou poeta, cara, só não sou ignorante que nem tu.

FRED
Eu não sou ignorante.

MARCELO
(continuando, como se o Fred não tivesse falado) Pô, Fred, tu não sente a repressão, a dor, tudo isso? Não é uma coisa manual.

FRED
(de pé) Punheta a gente faz sem as mãos, também. Até sem o pau.

Marcelo e Fred ficam se olhando. Marcelo se vira pro mar, desistindo. Dá um tempo e sai andando pra dentro d'água. Fred olha.

Quando saca que Marcelo não vai parar, sai atrás dele. Agarra Marcelo, já com água pela cintura, e começa a trazer ele de volta.

Quando se aproximam da câmara, a voz de Fred, segurando Marcelo pelo braço e saindo de quadro, os dois:

FRED

Não, tu tomou muito chá, Marcelo.

MARCELO

Eu é que tomei, é?

FRED

Vam'bora.

MARCELO

Tu tomou mais que eu.

A voz de Marcelo diminui na distância. Ficam só o mar e a claridade. A música termina.

(85) Manhã, sol a pleno. Acampamento de Marcelo. Nei abre a barraca de Marcelo e fala pra dentro dela.

NEI

Marcelo... A gente vai jogar bola na praia. Já tamos indo.

Levanta e sai de quadro. O irmão do Jaime, Giba e Augusto estão com a bola, esperando por ele. Vão para a praia. Entra "Sumir do cais", com Nei Lisboa e Augusto Licks.

(86) Na praia, estão Chico e Bete, tomando banho de sol numa esteira. Os guris se aproximam. Chico levanta e e junta a eles, pro bate-bola.

Chegam Ceres e Jairo, abraçados. Ceres senta junto a Bete.

Jairo entra correndo no meio dos guris, dá um chute na bola e depois chuta ela pra mais longe, correndo atrás. Os guris olham pra ele e depois se olham.; põem a mão na cintura, esperando o babaca.

Chegam Marcelo e Fred, cabelos não-penteados, tresnoitados. Fred se aproxima dos guris. Marcelo se agacha na areia. Ceres olha pra ele. Marcelo dá um sorriso forçado. Ceres, depois de um tempo, sorri, também, meio amarga. A música diminui.

LETREIRO: FIM DA TERCEIRA PARTE.

(87) LETREIRO: DEU PRA TI ANOS 70 - QUARTA PARTE

O Teatro Renascença, à noite. Gente chegando, comprando ingressos

pro show, alguém comentando com outro sobre o ingresso (uma sedinha carimbada), entrando na sala. Margarete entra abraçada com um cara. Ruído de fundo: burburinho.

Depois que todos entraram, Ceres chega, atrasada. Quando ela entra na sala, Nei e Augusto começam a cantar "Ano que vem nº 2". A cena termina com o fim da música.

(88) FADE IN. Colagem de fotos, material filmado, manchetes de jornal, inserções onde apareçam Marcelo e Ceres (separadamente) no meio da massa, toda a agitação política do 1º Dia Nacional de Lutas, em 23 de agosto de 1977. Desde o início, ouve-se o discurso lido pelas caras da Perspectiva e repetido em coro pelos manifestantes. O dia tá nublado, a manifestação é à tarde, choveu.

(89) No bar do DAIU, Marcelo chegando, afobado, emocionado. Vê Ceres numa mesa, comendo alguma coisa, no meio da agitação, gente pra lá e pra cá. Marcelo se joga na cadeira vaga na mesa de Ceres e desata a falar:

MARCELO

(extasiado) Que coisa incrível! Eu nunca imaginei que fosse participar de um troço assim. Eu tou tri-emocionado.

CERES

(meio rindo, meio surpresa) Como assim, emocionado? (levemente debochada)

MARCELO

Emocionado, pô... (gritando) O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO! Pô, eu nunca acreditei nesses estórias, essas frases feitas... mas, de repente, eu tava lá no meio da massa, e tava a disposto a morrer por qualquer pessoas que estivesse gritando junto comigo... Bá, parecia um jogo de futebol, mas era muito mais bonito.

CERES

(de cara fechada) Pois é... por causa de reações como a tua é que eu acho muito relativo o valor dessas "passeatas" e "manifestações espontâneas"... Olha bem o que tu tá falando: emoção, jogo de futebol... até parece que tu perdeu um parafuso lá na João Pessoa! Não consegue te controlar, manter a cabaça no lugar; quanto mais identificar e compreender o momento histórico que a gente tá vivendo.

MARCELO

(achando graça na história, sem saco pra ouvir) Ih, não vem com essa história de momento histórico, que não tem nada a ver. Não tem momento histórico que explique a... a emoção que eu...

CERES

(cortando) Emoção, não! Aquilo é enfrentamento ideológico de...

MARCELO

(re-cortando) Aquilo é TESÃO, viu? Tesão! Não é emoção. Não existe porra de enfrentamento ideológico que explique a tesão que eu senti, gritando aquilo tudo. (...) Tu não entende isso?

CERES

(aparentemente mais calma) É claro que eu entendo. Mas, pra mim, isso é espontaneísmo. Tu é que não entende que o movimento estudantil tem um papel a cumprir nessa historinha toda.

Marcelo faz um gesto de desânimo. Ceres fica mais agressiva.

CERES

E é pura falta de responsabilidade deixar que essa "espontaneidade" tome conta do movimento. Vão acabar fechando com os caras da Perspectiva, que queriam fazer passeata até o Açorianos.

MARCELO

(meio puto) Ah, os caras da Perspectiva... Pois se não fosse os caras da Perspectiva, não tinha saído bosta nenhuma de manifestação.

CERES

(respondendo no tom) E eu achava melhor não ter saído mesmo.

Os dois ficam em silêncio, remoendo. Não se olham. Marcelo dá um suspiro. Toma um gole de Pepsi.

Os dois continuam não se olhando. Ceres volta à carga, mas branda, quase didática.

CERES

Te convence que os anos sessenta já passaram. Pra sempre, tá... Não sei se tu sabe, mas em sessenta e oito teve uma manifestação de vinte mil pessoas nos Estados Unidos. Eles se reuniram na frente do Pentágono e tavam crenes que, se todo mundo se concentrasse, o Pentágono ia levantar e ficar flutuando no ar.

MARCELO

(depois de um instante) Tu tem certeza que ele não levantou?

Os dois sorriem. Chega Joaquim na mesa e vem avisar, direto mas sem pânico:

JOAQUIM

Olha, a polícia tá pegando todo mundo que passar perto do estacionamento do Direito. Eu acho até que eles tão cercando isso aqui, agora. É melhor todo mundo ir pra casa, em grupos.

Marcelo e Ceres se levantam, pegam as bolsas.

(90) Numa esquina da Osvaldo Aranha, Marcelo e Ceres esperam o sinal abrir, em telefoto, de frente pra câmara (que tá do outro lado da rua).

MARCELO

Nietzsche dizia que uma pessoa que pensa muito nunca fica muito tempo em qualquer partido. Fatalmente essa pessoa vai terminar pensando alguma coisa que contrarie o partido.

CERES

(devolvendo) Hitler também vivia citando Nietzsche.

Marcelo não esperava essa: olha pra Ceres, meio rindo, meio boca aberta; Ceres fica olhando pra ele, séria. O sinal abre e eles vêm vindo em direção à câmara. FADE OUT.

(91) Gente na ante-sala do Renascença. Margarete com outro cara, beijando. Bate-papo de intervalo.

Ceres tá passando e ouve uma voz fora de quadro chamando por ela, alto. Ela se volta e vem um cara, de costas pra câmara, e abraça ela. Ela sorri e depois segura o rosto dele. Em close, os dois se beijam: o cara é Marcelo. Daqueles beijos-paixão. Eles ficam se olhando, abraçados.

MARCELO

(carinhoso) O show ainda não acabou, né?

CERES

Não, é o intervalo. (...) Achei que tu não ia chegar.

MARCELO

Eu dei um pau pra acabar as matérias a tempo. Saí correndo lá da Folha...

Ceres dá um beijo-carinho nele. Mais olhares, o burburinho de fundo. De repente, ele lembra de algo, e deixa de lado a melequice amorosa.

MARCELO

Ah, eu tenho que te falar um negócio...

CERES

(curiosa) Quê que é?

MARCELO

Lembra daquele apartamento que eu ia ver essa semana?

Cortando a ação, de repente, entre Margarete entre os dois, espirocada:

MARGARETE

U-hu!

CERES

(surpresa) Oi...

As duas trocam beijos, festa. Marcelo fica olhando.

CERES

Mas tu não ia acampar, guria?

MARGARETE

Ah, eu fui e já vim. (rindo) A gente vai e volta.

CERES

Ó, esse aqui é o Marcelo.

MARGARETE

(rápida) Oi, Marcelo, tudo bom? (Dá um beijo nele.) Vem cá,
(puxando os dois pelos braços) vamos entrar que o Nei vai tocar a
música que ele fez pra mim de aniversário...

Ao fundo, gente entrando na sala.

MARCELO

(meio perdido, pra Ceres) Mas quem é essa louca?

CERES

É a Margarete... geração oitenta.

Os três somem pela porta.

(92) Nei toca "Margarete".

(93) FADE IN. Ao fundo, ruído de conversa. Numa sala de aula, alunos sentados aqui e ali, conversando, de costas por lugar onde deveria haver um professor. Na janela, Marcelo olha pra fora, de saco cheio. Entra "Águias", com Néelson Coelho de Castro. Marcelo olha pro relógio, impaciente.

Chega o professor, de terno e gravata, pastinha de executivo na mão, tri-sorridente, um EPB I da vida. O pessoal começa a sentar nos seus lugares. Marcelo fica olhando pro cara, admirando a imbecilidade dele; depois, pega a sua bolsa e vai embora.

(94) Ceres entrando na Faculdade de Arquitetura, apressada.

(95) Marcelo no chuveiro, se ensaboando vagorosamente, pensativo.

(96) Ceres na biblioteca da Arquitetura, lendo um livro de Le Corbusier ou Niemeyer.

(97) Marcelo botando uma camisa, os cabelos molhados, mal-penteados. Pega a bolsa.

(98) Marcelo na rua; e, depois, entrando na Arquitetura.

(99) Marcelo chega no bar, onde estão Ceres e mais dois caras, conversando numa mesa. Marcelo e Ceres trocam beijinhos, ele diz algo a ela de maneira quase confidencial (um "tu podia vir falar comigo agora?"), ela pergunta ("já?"), ele fala um "se tu puder". Eles saem do bar.

(100) Na Redenção, tarde de sol. Gente pra lá e pra cá. Marcelo e Ceres caminham lado a lado. Marcelo gesticulando/ explicando, Ceres com os livros de Arquitetura na mão, ouvindo, atenta, de vez em quando concordando. A voz deles entra em OFF, a música vai a BG.

MARCELO

Eu vou cair mesmo. Não tou com saco pra aturar Jornalismo, agora. Enchi de ficar matando aula. Eu já devia ter feito isso antes, em julho. Não devia nem ter me matriculado pra esse semestre.

CERES

Pois é, é tão estranho largar a faculdade assim, no meio do semestre. (...) E pra onde é que tu vai?

MARCELO

Eu tenho uns faixas lá no Rio, acho que vou ficar lá um tempo., quem sabe até descolo um emprego, não sei. E depois talvez eu vá pra Bahia... pro Ceará... dizem que tem uma praia bonita lá no Ceará, Canoa Quebrada, parece que é o nome. (...) Mas o certo é que eu vou cair, vou embora mesmo.

CERES

E quando é que tu volta?

MARCELO

(rindo) Eu nem sei se eu vou voltar... Mas acho que eu acabo voltando, não sei quando. O mais provável é eu ficar uns meses fora e depois voltar. Talvez antes do fim do ano eu esteja aqui... (rindo) Talvez eu até faça matrícula pro primeiro semestre de 79.

Na continuação, agora ao vivo:

CERES

Tu já falou com o teu pai e com a tua mãe?

MARCELO

(sério, parando e olhando pra ela) Não, não falei ainda. Mas eu acho que não vai ter maiores problemas.

Continuam a caminhar, devagar.

(101) Os dois sentados num banquinho da Redenção, olhando pros outros lados.

CERES

Eu queria poder decidir como tu.

Marcelo olha pra ela, interessado.

CERES

Não sei o que é que eu vou fazer da minha vida. Ou melhor, eu sei. Ou pior, eu sei. Ano que vem, vou tá estudando. Me formo no outro ano. Enquanto isso, eu fico morando com os velhos. A mesma merda. (...) Lembra quando eu te falei?... aquela vez no Rib's, lembra, quando a gente se conheceu? que eu falei que eu tava a fim de um trabalho comunitário? (Marcelo faz que sim com a cabeça.) Pois é... História! Eu nunca vou conseguir fazer bosta nenhuma de trabalho comunitário.

MARCELO

Mas tu não tá trabalhando na FRACAB?

CERES

Eu larguei de mão a FRACAB. Aconteceu a mesma coisa que no movimento estudantil: os estudantes só atrapalham. (Marcelo fica olhando.) Pô, vê se pode, os caras das vilas vão lá na FRACAB pra resolver os problemas das casas deles, que eles nem sabem se podem continuar morando no mesmo lugar, e os guris da FRACAB ficam discutindo slogan, palavra de ordem... Pra mim, chega de movimento estudantil e FRACAB.

Um plano de conjunto, bem aberto, deles sentados. Depois, um close em Ceres.

CERES

Quem mais sabe que tu vai embora?

MARCELO

(em close) Ninguém. (...) Só tinha tu pra contar. (ri)

CERES

Só eu?

MARCELO

(dando de ombros) Não tem ninguém perto de mim, pra eu ficar

contando... Só tu.

CERES

(sorrindo) Por que só eu?

MARCELO

(sorrindo) Ah, não sei... acho que... sei lá, tu morou no Menino Deus... tu não gosta de guaraná da Brahma... não tem mais saco pra aturar reunião de movimento estudantil... e porque... tu nunca leu um conto meu... e porque... (ficando sem jeito) eu acho que gosto de ti.

Ceres fica olhando, ternamente. Estende a mão e toca a boca de Marcelo, carinhosamente.

CERES

Eu acho que vou ficar com saudade de ti.

(102) Começa a tocar "Ano que vem n° 1", com Nei Lisboa e Augusto Licks. Na Free-way, Marcelo, de mochila nas costas, caminhando. Passa um carro, ele pede carona, o carro não para; ele segue.

(103) Marcelo falando com um funcionário, num posto de gasolina. O cara aponta num sentido da estrada. Marcelo agradece e sai andando pra onde o cara apontou.

(104) Marcelo num caminhão a toda velocidade, com a cabeça pra fora, vento na cara. O motorista, atento na estrada.

(105) Fusão de fotos: São Paulo, Rio, Salvador, Canoa Quebrada; entremeadas com a estrada passando.

(106) Marcelo botando a mochila nas costas, enquanto o caminhão parte. Ele acena pro caminhão.

(107) Marcelo caminhando na praia, de tardezinha, com mais alguém.

(108) Marcelo num barraco de pescador, escrevendo uma carta.

(109) Marcelo deitado numa rede, olhando pra cima.

(110) Marcelo sentado na mochila, na beira da estrada, pedindo carona, desanimado. Passa um carro, que não para. Ele fica olhando o carro, longe.

Marcelo olha pro outro lado, depois pro lado anterior, e finalmente pra frente. Fica quieto. Levanta, pega a mochila, atravessa a estrada e vai pedir carona no sentido contrário.

(111) Dentro dum fuca, um casal, jovem, bate boca. Atrás, Marcelo, junto com um monte de bagulhos, que ficam caindo por cima dele. Marcelo tem a atenção desviada para algo, fora do carro.

(112) Na estrada, passa uma placa, indicando Porto Alegre à frente.

(113) Marcelo, no banco de trás, fica olhando a placa. E depois volta a olhar pra frente, meio agitado. Música diminui e some.

(114) Um aparelho de TV, aparecendo a contagem regressiva do Jornal Nacional: "Atenção, emissoras componentes da Rede Globo, para o toque de oito segundos: tã, tã, tã..."

A câmara vai fazendo uma panorâmica até chegar numa poltrona, onde Bete está chorando. Entra a voz de Cid Moreira: "Faltam cinco para as oito! No Jornal Nacional de hoje, etc."

Chico está de joelhos à frente da poltrona, mexendo nos cabelos de Bete, meio debruçado sobre ela, meio sem saco para consolar. Bete continua chorando. De repente, ele levanta, de saco cheio. Fica em pé, ao lado. Ela chorando.

CHICO

Sabe o quê que eu acho dos teus choros? Acho chato. (...) Eu me sinto um filho da puta por causa disso, mas o problema é que eu realmente não me sinto culpado quando tu começa a chorar. Eu só acho chato. (...) É uma coisa que parece que vai pintar sempre, de qualquer jeito, o que quer que eu faça ou deixe de fazer. Depois de uns dias, tu vai tá chorando de novo. É um troço cíclico... que nem menstruação.

Ela continua chorando. Ele se ajoelha, novamente, e tenta passar a mão no rosto dela. Ela rejeita, chorando de modo mais convulsivo. Ele larga a mão. Olha, saco cheio, na direção da TV. Vai até ela e desliga.

Chico fica em pé no meio da sala. Olha pra porta que dá pro corredor. Olha de novo pra Bete. Ela na mesma, ainda. Ele sai de quadro.

(115) Sentado na cama, Chico, de costas pra câmara. Fica passando a mão no rosto, no cabelo. Começa a tirar a camisa.

(116) Bete, na sala, de repente levanta o rosto, inchado de choro. Percebe que Chico não está ali. Depois de um momento, levanta e sai da sala, atrás de Chico.

(117) Chico, no quarto, deitado, olhando pro teto, sem camisa.

(118) Bete aparece na porta: vê Chico e abre um sorriso que não acredita nele mesmo. Faz a volta na cama, se ajoelha de forma a ficar com o rosto bem perto de Chico. Chico não se mexe, olhando sempre pro teto.

BETE

(em close, num sussurro/ súplica) Me dá um beijinho.

Chico não se mexe, triste. Ela beija seu pescoço, seu rosto, a bochecha, o nariz. Ela o beija na boca. Ele, devagar, passa o braço nas costas dela. O beijo vai ficando apaixonado e desesperado.

(119) Marcelo e Ceres, de perfil, um de frente pro outro, fundo neutro. Marcelo com a mesma cara e roupa com que voltou de Porto Alegre. Os rostos se aproximam e eles se beijam, com algum receio. Sorriem. Riem. Marcelo fala, Ceres ouve, os dois riem, contentes, em planos rápidos e em absoluto silêncio. FADE OUT.

(120) Nei e Augusto tocam "Maio", ao vivo, no Renascença.

(121) Ceres e Marcelo aplaudem, na plateia.

(122) Eles saindo da sala, com as pessoas. A música vai diminuindo.

(123) O Renascença, pelo lado de fora. Entra a voz de Marcelo em OFF, enquanto a câmara mostra eles atravessando a rua e saindo pra caminhar nos canteiros da Erico Verissimo.

MARCELO

Eu gostei do apartamento, sabe. Gostei. Acho que é um lugar onde eu posso me sentir à vontade.

CERES

Mas dá pra quantas pessoas, esse apartamento?

(124) Continuação, ao vivo. Marcelo e Ceres debaixo de um poste na Erico Verissimo.

MARCELO

Não sei quantas pessoas daria ali dentro. Acho que quatro aperta um pouco. Mas dá pra dois tranqüilo.

CERES

(ri e dá um beijo nele) Malandrinho...

MARCELO

(ri e depois retoma) Ah, e o lance é o seguinte, ó: eu tenho uma ideia incrível. (Ceres ouve.) Sabe o que eu tou a fim de fazer? Passar lá na imobiliária no dia 31, agora, e pedir a chave do apartamento pra dar outra olhada. Eu deixo uma caução lá, uns cem pila. E a gente vai pro apartamento de noite e passa o Ano Novo lá.

CERES

(não entendendo, não acreditando) Mas como, Marcelo?

MARCELO

(rindo e insistindo) Mas é claro... Olha, eu pego a chave, a gente vai lá de noite, dorme lá, no dia seguinte é feriado, primeiro de janeiro, a imobiliária não abre. Aí a gente fica no apartamento até a hora que quiser, sem grilo. Eu entrego a chave na quarta-feira, dia 2, e e digo... sei lá, digo que quando eu cheguei no dia 31 a imobiliária tava fechada... sei lá... o máximo que pode acontecer é eu perder os cem pila... É tri-simples.

CERES

(abraçando ele, rindo) Mas que loucura!

MARCELO

(rindo) Aí a gente já faz um ensaio de vida conjugal. (Ri mais.) Não, pô, sério: imagina só, que beleza entrar assim em 1980, longe dos velhos, da puta que o pariu, numa boa...

Marcelo e Ceres ficam se olhando, sorrindo.

MARCELO

Tu tá a fim?

(125) No apartamento. Tudo escuro. A porta se abre, devagar. Entram um cara e uma guria. Só se vê a silhueta deles contra a luz do corredor.

CERES

(falando baixinho) Marcelo... Eu não tou vendo nada.

MARCELO

Peraí, eu vou ver se ligo a lâmpada que eu trouxe. Tem uma tomada

aqui, eu acho.

Os dois ficam completamente envolvidos pela escuridão.

De repente, clareia tudo: Marcelo está ajoelhado, junto a uma tomada, com uma lâmpada num soquete ligado à tomada. Ele se levanta e arruma a mochila, que tá ao lado, no chão. Ceres, de pé, olha a sala; vai até a janela. Marcelo vai até a porta. Quando ele a fecha, Ceres se vira, assustada:

CERES
Marcelo?

MARCELO
(vindo da porta) Que foi?

CERES
(aliviada) Ai, que susto. Achei que tinha entrado alguém.

MARCELO
(rindo) Bota a mochila no chão e dá uma olhada lá dentro.

Ceres larga a mochila e vai ver o quarto; antes, pega uma vela da bolsa, acende. Marcelo fica mexendo na mochila. A voz dela vem lá de dentro:

CERES
O quarto é meio pequeno, né?

MARCELO
(se virando pra dentro do apê) Bate bastante sol aí.

CERES
Não, eu falei do tamanho dele.

MARCELO
Não te esquece que o aluguel é barato.

CERES
Mesmo assim... Não sei se dá pra duas pessoas viverem aqui.

Marcelo olha pra dentro, como se achasse uma imensa besteira o que Ceres disse. Fica, depois, esticando o colchonete e resmungando, em voz baixa, para si mesmo:

MARCELO
História... Ninguém VIVE dentro dum apartamento. A gente MORA num apartamento. Tem uma baita diferença entre morar e viver...

Ceres vem por trás dele, apagando a vela, em silêncio, e abraça Marcelo, bruscamente. Os dois caem no colchonete, Marcelo surpreso e rindo, Ceres rindo:

CERES

Quê que tu tá resmungando, guri bobo?

MARCELO

Nada... Tava dizendo que tem muita diferença entre viver e morar. Mas isso não faz diferença.

CERES

Eu acho que faz.

Marcelo fica olhando pra ela e depois dá um beijo rápido. Deita a cabeça na barriga de Ceres e eles ficam assim. De repente:

CERES

Tu já pensou se nos pegam aqui?

MARCELO

(levantando a cabeça e dando uma risadinha) SÓ não vão nos pegar aqui. Hoje é Ano Novo, todo mundo tá de festa. Até a polícia e o zelador. Os caras da imobiliária também.

CERES

(pensa um instante) Mas tu deixou a tua carteira de identidade lá na imobiliária. Se acontecer alguma coisa...

MARCELO

(cortando) Eu deixei a minha carteira velha lá. A nova eu trouxe, tá aqui comigo.

CERES

(insistindo) E se der algum galho, se pintar alguém, como é que a gente vai se explicar?

MARCELO

Explicar o quê?

CERES

Explicar o que a gente tá fazendo aqui.

MARCELO

Pô, mas tá na cara o que a gente veio fazer aqui... (e dá uma risadinha)

CERES

(com uma cara marota, sorrindo) E o que é que a gente veio fazer aqui?

MARCELO

(fazendo cara de assustado) Não sei!

Marcelo levanta a blusa de Ceres, mete a cabeça dentro e fica repetindo:

MARCELO

Eu não sei, eu não sei, eu não sei!

CERES

(rindo e se debatendo) Pára, Marcelo! Tu vai rasgar minha blusa.

Entra "Doody II", com Nei Lisboa e Teresa Ferlauto. Eles continuam rindo e se abraçando e se beijando, como crianças numa brincadeira, rolando no colchonete.

Marcelo levanta rápido, puxa um cobertor da mochila, desdobra e levanta-o sobre a cabeça, como se fosse uma capa, e se atira sobre Ceres, rindo. Os dois ficam sob o cobertor. Um pouco de improviso nisso tudo.

A música termina.

(126) Uma panorâmica pelo colchonete, lenta, mostra os dois dormindo abraçados. A câmara para nos rostos dos dois. Entra "Réquiem para soprano, mezzo soprano, dois coros mistos e orquestra", de Gyorgy Ligeti.

A câmara recomeça a panorâmica, mostrando o teto na escuridão, num movimento como que de vôo.

(127) Fusões de imagens em câmara lenta de um monte de gente (incluindo pessoas que apareceram nas seqüências anteriores de todo o filme), conversando, fazendo gestos exagerados. Marcelo está no meio delas; a cena se passa numa sala de apartamento.

Marcelo escreve alguma coisa num caderno, mas se sente tão pouco à vontade que desiste e começa a comer pedaços de papel que ele rasga do caderno.

As pessoas ficam mais agitadas, loucas mesmo, o clima se torna neurótico. Música sobe. Marcelo põe a mão no estômago, enjoado, e, em câmara lenta, tenta abrir caminho por entre as pessoas. Todo mundo fica olhando pra ele, de olho arregalado, sério.

De repente, ele cospe uma gosma branca, subproduto do papel que comia. As pessoas apontam, riem neuróticas e fecham-se em torno de Marcelo. Ele empurra todo mundo para conseguir sair dali.

(128) Marcelo entra no banheiro. As pessoas tentam vir atrás, ele empurra todos, tranca a porta, abre a tampa da patente e vomita a gosma branca toda. Se encosta na parede, exausto, suado.

De repente, corta a música e ouve-se o som de um tiro bastante amplificado. Marcelo estremece e leva a mão à nuca, o rosto contorcido de dor; olha depois para a mão e vê que não há sangue.

Ele parece não entender.

(129) Silêncio. Marcelo, no apartamento, acorda e senta no colchonete. Assustado, passa a mão na nuca e depois no rosto. Se acalma quando vê que não há nada.

Vê Ceres dormindo ao lado, se remexendo. Dá um beijo nela, e vira de lado. Dormem.

A câmara se aproxima do rosto de Ceres, devagar. Entra "Lux Aeterna", de Ligeti.

(130) Ceres dormindo, mas em outro lugar, com o sol a pleno. Alguém acorda ela com um beijo. Ceres desperta, tapando os olhos por causa da luz. Foi Margarete quem a acordou.

Ceres se descobre vestida. Margarete está puxando ela, rindo, dizendo um inaudível "vem, vem..." Ceres está levantando e se lembra de Marcelo a seu lado, no colchonete. Mas o cara que está dormindo ali é Jairo, não Marcelo.

Surpresa, ela olha à volta: está no Parque Marinha do Brasil, à tarde, à beira do Guaíba. Margarete, à frente, chama: "vem, vem." Ceres segue Margarete em direção a um gigantesco poste de luz.

Quando Ceres chega perto, vê um cara vestido de militar ao pé do poste: é Carlos, frio, triste, duro. Ele estica os braços na direção dela, mecanicamente. Ceres não acredita no que vê.

De repente, um ovo estoura no uniforme de Carlos. Ceres se volta: quem está atirando é Júlio, rindo, rindo às gargalhadas, atirando ovos e ovos. Ceres fica imóvel, sem saber o que fazer, atônita.

Júlio sai correndo, entra num Puma branco, onde tem uma MAGRA toda maquilada e "meleca", e sai cantando pneu. A música some no corte.

(131) Silêncio. No chão do apartamento, Ceres acorda. Olha pro lado, rápido, e ali está Marcelo, dormindo. Ela se vira de barriga pra baixo, apóia os cotovelos no colchonete, fica olhando pra um ponto perdido.

Depois, deita a cabeça no colchonete, fecha os olhos, como se fosse dormir; mas em seguida abre-os novamente.

Levanta, vai até a mochila, pega um pacote de bolachas e abre, comendo uma. Olha para Marcelo. Marcelo dorme.

(132) Numa mesa enorme, comprida, Marcelo e Ceres, exageradamente bem vestidos, cada um sentado numa cabeceira. Suave, entra "Gayane

Ballet Suite", de Khatchaturian. Na mesa, pratos, talheres, copos, guardanapos, coisas finas - mas nada de comida.

No meio, um vazio. Margarete está sentada ali, com roupas comuns, cortando as unhas dos pés com uma tesourinha.

Marcelo veste um terno alinhado, cabelo gomalina. Ceres tem um penteado ridiculamente "moderno". Ambos têm expressão séria, mãos sobre a mesa. Os enquadramentos em seus rostos aproximam a câmara o mais que se puder. A música vai a BG.

MARCELO

Eu acho que uma faxina no apartamento de quinze em quinze dias é mais do que suficiente.

MARGARETE

(sorrindo e imitando a voz dele, sem tirar o olho do pé) Eu acho que uma faxina no apartamento de quinze em quinze dias é mais do que suficiente.

CERES

Tá bom, Marcelo. Mas a gente tem que varrer o chão sempre que ele estiver sujo.

MARGARETE

(na mesma, rindo mais) Tá bom, Marcelo. Mas a gente tem que varrer o chão sempre que ele estiver sujo.

CERES

(continuando, como se não tivesse ouvido Margarete) Se há uma coisa que eu não suporto é sujeira demais. Uma casa é principalmente um lugar onde a gente se sente bem.

MARCELO

A gente pode se sentir mal numa casa por vários motivos. Eu, por exemplo, me sinto mal se há uma família dentro dela.

MARGARETE

(debochando, levantando teatralmente as mãos) Uma casa é principalmen-te um lugar onde a gente se sente bem.

CERES

Eu me sinto mal se ela está cheia de baratas e pulgas.

Margarete faz uma cara de "deu pra mim" e levanta da mesa, saindo de quadro.

MARCELO

Mas a sujeira é uma coisa saudável, que a gente tem que transar como qualquer outra. (brandindo o garfo com a mão direita, como se fosse uma espada, sério) Viva a sujeira!

Ceres olha, desvia o olhar e começa a citar o texto de Ronald

Laing ("Laços"):

CERES

Há qualquer coisa que eu não sei, e que pelo visto deveria saber. Eu não sei o que é isso que eu não sei, e que pelo isto deveria saber. (Volta a olhar Marcelo.) Eu me sinto como se fosse uma idiota quando dou mostras de não saber isso, nem saber o que é que eu não sei.

Margarete volta, pelada e com uma travessa de strogonoff ou qualquer outro prato que tenha bastante molho. Ceres continua, sem interrupção.

CERES

Finjo então saber o que não sei. E assim fico com os nervos rebentados, porque não sei o que devo fingir que estou sabendo.

Margarete serve strogonoff com uma concha no prato de Ceres, que não para.

CERES

Finjo então que de tudo estou sabendo.

Margarete vai com a travessa em direção a Marcelo, que assiste a tudo com o mesmo olhar sério.

CERES

Acho que sabes o que eu pelo visto deveria saber, e contudo não me podes dizer do que se trata, porque não sabes que eu não sei do que se trata.

Margarete, com a concha, despeja strogonoff na cabeça de Marcelo e grita, enquanto Marcelo não pisca nem se abala:

MARGARETE

Viva a sujeira!

CERES

É possível que saibas aquilo que não sei, mas que não saibas que não sei, já que não posso dizer-te que não sei.

Margarete derrama strogonoff na própria cabeça e sai gritando, rindo e rodopiando:

MARGARETE

Viva a sujeira!

Marcelo se levanta e diz, olhando para Ceres:

MARCELO

Terás, portanto, que dizer-me tudo.

(133) Marcelo acorda, os olhos de quem está impressionado, meio que senta no colchonete. Procura Ceres com o olhar.

Ele está encostada na parede, sentada no chão, sob a janela aberta, por onde entra alguma claridade. Ela sorri e se estica toda, lhe estendendo o pacote de bolachas de onde estava comendo.

Marcelo pega o pacote, sentado no colchonete. Devagar, abre e come uma bolacha. Ceres senta ao lado. Se beijam, sorriem. Silêncio. De repente:

MARCELO

Bá, eu sonhei a noite inteirinha, mas a maior parte do que eu sonhei eu não me lembro. Lembro que foi cada sonho incrível, sabe? Daqueles que tu acha que nunca mais vai esquecer, de tão marcante que foi. Aí tu acorda e puf!... Sumiu.

Ceres continua olhando pra ele e comendo bolacha.

MARCELO

Só sei que teve uma hora que tava eu e tu discutindo sobre a casa, o lugar onde a gente ia morar, e daí pintou aquela amiga tua... a Margarete...

CERES

Tu sonhou com a Margarete?

MARCELO

Sonhei.

CERES

Que incrível, eu também sonhei com ela.

MARCELO

É... que gozado. Ela tava pelada no sonho.

CERES

Tava pelada? (Ri.)

MARCELO

É. Que incrível...

Marcelo deita a cabeça no colo de Ceres e fica olhando longe. Tempo.

CERES

Que horas são?

MARCELO

(olhando o relógio) Dez pras seis. (...) A gente já tá em 1980. (recitando) "Vai-se a primeira década despertada. Vai-se outra e outra mais..."

CERES

(rindo e tapando a boca dele) Deu pra ti!

Riem.

CERES

Eu te trouxe o livro aquele sobre os anos sessenta.

Se espicha até a bolsa e pega o livro da Veja, "Os anos 60, a década que mudou tudo".

MARCELO

(dando uma olhada) Bá, isso aqui parece tão distante, tão velho agora... Mil novecentos e sessenta...

CERES

Mas é velho mesmo, é velho pra burro.

MARCELO

Que besteira, né? (Aponta pra capa.) "A década que mudou tudo"... Eu queria saber que década que não mudou tudo.

CERES

Ué, segundo a Veja, na década de setenta não mudou nada.

MARCELO

É?

CERES

Tu não viu aquele número especial da Veja sobre os anos setenta, que saiu na outra semana?

MARCELO

Dei uma olhada.

CERES

Pois é, a idéia deles é que na década de setenta não mudou nada, não aconteceu nada de importante, de melhor. Só teve troço ruim, repressão, burrice generalizada. Mas o cara que escreveu isso não viveu, então. Não viveu os anos setenta. Se não, não ia dizer que os anos setenta não foi nada.

Marcelo senta rapidamente e cumprimenta Ceres com um aperto de mão.

MARCELO

Muito prazer, eu sou nada.

CERES

(sacando a brincadeira) Ah, muito prazer, eu também não sou nada.

Risos e beijão.

(134) A janela, mais claridade entrando. Marcelo se aproxima, espia lá fora.

MARCELO

Vamos embora, hein? São quase seis horas. Acho que já acabou tudo que foi réveillon.

CERES

(se aproximando e abraçando) É, a mãe vai fazer historinha se eu não chegar hoje.

Marcelo se inclina pra ela, como quem vai dizer uma coisa, mas só abana a cabeça e vai em direção ao banheiro.

CERES

Quê que é? Quê que tu ia dizer?

MARCELO

Nada... Deixa pra próxima década.

Ceres vai arrumar o colchonete.

(135) Marcelo, no banheiro, lavando o rosto. A câmara vai dali pro quarto vazio, mostra as paredes vazias, o chão, volta e pega Marcelo voltando à sala.

MARCELO

Que friozinho, né?

CERES

Pois é, eu não me lembro de nenhum primeiro de ano que fosse frio... tão nublado e cinza como esse.

MARCELO

(sentando no chão pra colocar os tênis) Mau presságio...

Marcela pega um pé de tênis e, quando vai colocá-lo, para e fica olhando pra frente, como se lembrasse de algo. Diz, meio mecanicamente:

MARCELO

Viva a sujeira. Não, não era assim... (Faz o gesto do sonho.) Viva a sujeira!

Ceres se ajoelha à frente dele, sorrindo, curiosa.

CERES

Que é isso?

MARCELO

Era o sonho... Como os sonhos da gente são babacas, né?

CERES

(sorrindo) Freud explica.

MARCELO

(no tom de sua fala anterior) Como o Freud era babaca, né?

Eles riem. Marcelo vai botar os tênis, mas Ceres segura a mão dele, impedindo:

CERES

Não, perai... Deixa eu fazer uma coisa.

Marcelo não entende, fica parado. Ela tira rápido suas sandálias, fica de pés descalços, se afasta um pouco, senta e encosta as solas dos seus pés nos pés de Marcelo.

Marcelo fica meio assustado, olhando pra ela. Ceres fica rindo e sacudindo os pés, olhando pra ele. Marcelo acaba sorrindo, acha legal.

Close em Ceres sorrindo. Close em Marcelo, rindo. Close nos pés, sacudindo.

(136) Entra música final e créditos.

FIM

(c) Giba Assis Brasil e Nélon Nadotti, 1981
<https://www.casacinepoa.com.br>